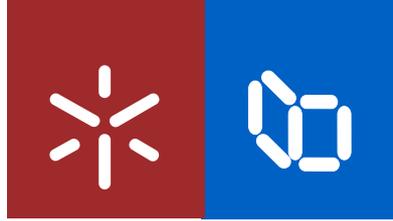


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Yang Yu

**A Imagem da Mãe nas Culturas
Chinesa e Portuguesa**



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Yang Yu

A Imagem da Mãe nas Culturas Chinesa e Portuguesa

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação do

Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama

e da

Professora Doutora Sun Lam

Declaração

Nome: Yang Yu

Endereço eletrónico: yangyu20@yeah.net

Número do Passaporte: G42490782

Título da dissertação: A Imagem da Mãe nas Culturas Chinesa e Portuguesa

Orientadores: Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama e

Professora Doutora Sun Lam

Designação do Mestrado:

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Aos meus pais

谨以此文献给我最敬爱的父母

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, aos meus orientadores, Doutora Sun Lam e Doutor Manuel Gama. À Doutora Sun Lam, pela sugestão e orientação académicas, bem como pelo cuidado e pela ajuda pessoal, tendo sido como uma mãe para mim em Portugal. Ao Doutor Manuel Gama pela paciência, pela simpatia, disponibilidade, orientação académica, e pelo grande apoio ao longo desta jornada.

Na China existe um provérbio: 一日为师，终身为父 (*Yìrì wéi shī, zhōngshēn wéi fù*) – “Aquele que, é professor por um dia, é pai para toda a vida”. Um profundo agradecimento a todos os docentes do Curso de Mestrado em *Estudos Interculturais Portugueses/Chinês* pelos conhecimentos transmitidos e pela paciência.

Aos meus amigos portugueses, pela ajuda académica ao nível da língua portuguesa e pela amizade sincera e eterna, sobretudo à Ana Fonseca, ao Luís Pinto e à Tatiana Carvalho. Aos meus amigos chineses, pela ajuda pessoal.

Por último, um grande agradecimento à minha família, por todo o apoio que me deu ao longo deste percurso, em especial nos momentos em que me esmoreciam os ânimos.

Resumo

O tratamento dado à mãe acompanhou a evolução da humanidade. O papel da mãe em prol do desenvolvimento da sociedade é visível e insubstituível. Porém, o seu estatuto tem mudado ao longo da História. No presente trabalho analisar-se-á as imagens da mãe nas culturas chinesa e portuguesa em diferentes períodos, realçando os elementos culturais típicos de cada país, culminando numa análise comparativa das duas culturas. Diferentemente de outros trabalhos que abordaram a imagem da mãe de um ponto de vista sociológico e histórico, este estudo foca-a sob uma perspetiva cultural.

Num primeiro momento, faz-se uma abordagem longitudinal sobre a visão/estatuto da mãe chinesa e portuguesa, de um ponto de vista etimológico, mitológico, filosófico e religioso. Posteriormente, apontar-se-á as diferenças e semelhanças das imagens da mãe nas duas culturas, procurando lançar propostas para a resolução de alguns problemas associados. Simultaneamente, aborda-se o estatuto e a imagem do sexo feminino nos dois países, como forma de enquadrar e favorecer a compreensão do estatuto e da imagem materna.

Palavras-chave: Mãe, mulher, imagem, cultura, China, Portugal

ABSTRACT

The name “mother” followed the evolution of humanity. The role of the mother for the development of society is visible and irreplaceable. However, its status has changed throughout history. In the present work the images of the mother in the Chinese and Portuguese cultures in different periods will be analyzed, with an emphasis to the typical cultural elements of each country, culminating in a comparative analysis of the two cultures. Unlike other studies that dealt mainly with the mother's image from a sociological and historical point of view, this study focuses on a cultural perspective.

At first, a longitudinal approach is taken on the vision / status of the mother for Chinese and Portuguese people, from an etymological, mythological, philosophical and religious point of view. Subsequently, the differences and similarities of the images of the mother in the two cultures will be pointed out, seeking to launch proposals for the resolution of some associated problems. Simultaneously, we try to provide a wider view on the status and image of the female gender in both countries in order to frame some back knowledge for a better understanding of the status and the maternal image.

Key words: Mother, woman, culture, image, China, Portugal

摘要

母亲这个称呼伴随着人类的诞生而出现。母亲，在推动历史的进程中的作用，是显而易见并且无可取代的。但是在这个进程中，母亲的地位也在发生着变化。本文以比较文化的角度，凭借中国和葡萄牙两国中的文化元素研究两国不同历史时期的母亲形象，对两国母亲形象加以对比。本论文有别于其它从社会学角度或历史学角度探讨母亲地位和形象的视角，而是从文化的角度进行探索。

本文第一章和第二章为纵向比较，分别以两国的字源、神话、宗教哲学思想以及有母亲象征含义的物体为载体，研究母亲的形象和地位。第三章横向比较两国母亲在跨文化研究里所折射出的异同点，并针对发现的问题，提出自己的见解。另外，在整个论文的研究中，加入了对中葡两国女性地位和形象的研究，以便为母亲这一角色提供背景知识的比较。

关键词：母亲，女人，形象，文化，中国，葡萄牙

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	4
A IMAGEM DA MÃE NA CULTURA CHINESA	4
1.1 A MÃE NA ORIGEM DO SINOGRAMA: NA VISÃO ETIMOLÓGICA	6
1.2 A MÃE NA MITOLOGIA CHINESA	11
1.3 A MÃE NAS FILOSOFIAS E RELIGIÕES CHINESAS.....	17
1.3.1 NO CONFUCIONISMO	17
1.3.2 NO BUDISMO.....	25
1.3.3 NO TAOISMO E YIJING	28
1.4 EXTENSÃO DO CONCEITO DA MÃE NA CULTURA CHINESA — O RIO AMARELO, O RIO MÃE DOS CHINESES.....	30
CAPÍTULO II.....	33
A IMAGEM DA MÃE NA CULTURA OCIDENTAL/PORTUGUESA	33
2.1 A MÃE NA MITOLOGIA OCIDENTAL — GAIA	34
2.2 A MÃE NO CRISTIANISMO	37
2.2.1 EVA	38
2.2.2 MARIA.....	41
2.3 EXTENSÃO DO CONCEITO DE MÃE NA CULTURA PORTUGUESA.....	44
2.3.1 A MÃE-GALINHA NA CULTURA PORTUGUESA.....	44
2.3.2 CHIFRE E LUA NA CULTURA PORTUGUESA.....	49
2.4 A IMAGEM DA MÃE NO MANUAL PORTUGUÊS DA DÉCADA DE TRINTA À DÉCADA DE NOVENTA DO SÉCULO XX.....	51
CAPÍTULO III.....	55
UMA TENTATIVA DE COMPARAÇÃO INTERCULTURAL E REFLEXÕES.....	55
3.1 COMPARAÇÃO DA IMAGEM DA MÃE INTERCULTURAL	56
3.2 REFLEXÕES.....	61
CONCLUSÃO	64
BIBLIOGRAFIA	69
ANEXOS	76

Índice de Ilustrações

Ilustração 1: O retrato de uma mulher e pictograma mulher (女 nǚ)	8
Ilustração 2: Os caracteres originais mulher (女) e mãe (母)	9
Ilustração 3: O retrato do pai e pictograma pai (父 fù)	9
Ilustração 4: A escrita oráculo em ossos (甲骨文, jiǎgǔwén) apelido, (姓, xìng).....	10
Ilustração 5: Vénus de Laussel	50

Índice de Tabela

Tabela 1: Os derivados de geia.....	36
-------------------------------------	----

INTRODUÇÃO

A cultura é um conjunto complexo de normas, valores, práticas sociais e crenças que condicionam os seres humanos e as suas realizações, conferindo a cada sociedade o seu aspeto original. Inclui, portanto, um conjunto de características próprias de cada nação, incluindo o modo de pensar, o padrão de valores, as tendências morais e emocionais. A cultura encerra elementos materiais, visíveis e tangíveis, assim como elementos imateriais/espirituais que, pelo contrário, são invisíveis e intangíveis. Evidentemente, a China e Portugal registam diferenças culturais gigantes, algumas das quais se abordarão no presente estudo, nomeadamente o estatuto/visão da mãe enquanto elemento da cultura suave, imaterial.

A invisibilidade e intangibilidade da cultura imaterial dificultam a perceção acerca das imagens da mãe nas duas culturas e respetivas culturas. Portanto, a presente análise e comparação recorre a elementos etimológicos, mitológicos, filosóficos, religiosos e a símbolos quotidianos, entre outros, para identificar tais diferenças e daí tirar as devidas ilações.

A língua faz parte do sistema cultural de um país, refletindo-a, isto carrega informações sobre a sociedade humana e a sua cultura. A relação triangular (língua, cultura, sociedade) é indissociável. Manifestamente, as palavras possibilitam-nos aprofundar conhecimentos sobre uma determinada cultura e sociedade. Quando remontamos à origem do carácter chinês 母 (*mǔ*) e do termo “Gaia”, numa visão etimológica, podemos captar as imagens associadas à mãe de então.

O mito é uma narrativa de carácter simbólico-imagético, relacionada a uma dada cultura, que procura explicar e demonstrar a origem das coisas, por meio da ação e do modo de ser das personagens. Neste sentido, a partir do estudo da deusa-mãe no mito chinês e português/ocidental - *Nü Wa* (女媧, *nǚwā*) e Gaia - podemos observar as imagens da mãe nas duas culturas.

Tanto as filosofias e religiões chinesas (sobretudo o confucionismo, o budismo e o taoísmo) como a religião portuguesa (cristianismo) têm influenciado profundamente o pensamento coletivo nos dois países, orientando mesmo a atitude

social em relação à figura da mãe. A abordagem à visão filosófico-religiosa permite assim tirar conclusões adicionais sobre as diferenças e semelhanças da imagem da mãe nas duas culturas.

Visto que a mãe possui características específicas, as pessoas associaram-lhe alguns símbolos, por exemplo na China diz-se que o rio Amarelo (黄河, *huánghé*) é o rio-mãe, enquanto em Portugal a galinha está ligada à mulher e o termo “mãe-galinha” implica uma atitude de proteção maternal. Da análise destas metáforas, podemos identificar também algumas características da mãe com conotação cultural.

Neste trabalho far-se-á, inevitavelmente, a análise do estatuto e da imagem da mulher, já que regista aspetos indivisíveis e associados à imagem da mãe. O contraste daqueles estatutos facilitará a compreensão acerca da visão coletiva da mãe nas duas culturas.

A presente dissertação é composta por três capítulos. Nos primeiros dois capítulos far-se-á, separadamente, uma análise da imagem da mãe nas culturas chinesa e portuguesa. No último capítulo, tentar-se-á fazer uma comparação transversal, numa perspetiva intercultural. A combinação destes ângulos do estudo, longitudinal e transversal, permitirá expor, com a nitidez e profundidade possíveis, as diferenças e semelhanças das imagens da mãe nos dois países. Para além de uma análise intercultural, o presente trabalho tem como objetivo fazer algumas reflexões e lançar algumas propostas para que a mãe possa viver num contexto mais agradável e confortável.

CAPÍTULO I
A IMAGEM DA MÃE NA CULTURA CHINESA

Quando uma criança nasce, a primeira pessoa que vê quando abre os olhos é a mãe; quando a criança tem fome, começa por alimentar-se do leite materno; quando a criança aprende falar, a primeira palavra que balbucia é a mãe; quando a criança começa a apreender o mundo à sua volta e a distinguir o bem e o mal, a mãe é a sua primeira professora. Portanto, não é de admirar que William Makepeace Thackeray¹ argumentasse que “mãe é o nome de Deus nos lábios e no coração das crianças.” No presente trabalho analisar-se-á a deusa *Nü Wa*, criadora do povo chinês, e o rio Amarelo que é também referido como “Rio mãe” dos chineses, por razão de ter alimentado chinesas.

Durante milénios na cultura tradicional chinesa, sobretudo sob um modelo económico iminentemente agrícola, família era a unidade básica, os seus membros exerciam funções bem definidas: o homem cultivava a terra e a mulher tecia em casa. Assim, o sentido do mito de *Lei Zu*² e a etimologia das palavras “mulher” e “mãe” implicam este carácter.

De um ponto de vista cultural, em particular na perspetiva do confucionismo, a capacidade de procriação de uma mulher é fundamental para o seu estatuto da mulher na família ou no clã. “Há três formas de violar a piedade filial, sendo o pior não gerar um sucessor - um filho - para dar a continuidade ao nome da família.”³ Muitas mulheres viveram sob o jugo deste preconceito, aceitando-o e passando-o de geração em geração. O presente trabalho ajudará os leitores a compreenderem as imagens da mãe na leitura chinesa e na vida quotidiana, muito influenciadas por essa exigência de posteridade. Destaque-se, neste contexto, o surgimento da figura divina e maternal Mãe Kuan Yin⁴, no budismo chinês. Em virtude do seu poder de abençoar as jovens mulheres no sentido da conceição, sobretudo para terem um bebé do sexo masculino, esta continua a ser venerada por todas as mulheres que anseiam ser mães.

¹ “Mother is the name for God in the lips and hearts of little children”. William Makepeace Thackeray (1811-1863), “Feira das Vaidades”, vol. II, ch. 2. https://en.wikiquote.org/wiki/William_Makepeace_Thackeray, consultado em 3 de abril 2017)

² Leizu: 嫫祖 (*léi zǔ*) inventou a forma de fazer criação de bicho-da-seda, ensinando às mulheres a criá-los em casa.

³ TDA: 不孝有三，无后为大 (*bùxiào yǒusān, wúhòu wéidà*)

⁴ Divina Mãe Kuan Yin: 观音 (*guānyīn*)

A cada período histórico corresponde assim uma imagem própria, especial, da mãe chinesa, que combina características do ser feminino chinês e é influenciada pela cultura tradicional.

Durante a sociedade matriarcal descrita pelos antigos livros clássicos, “os filhos só conheciam das suas mães, ignorando a identidade dos seus pais”⁵. Acompanhando o desenvolvimento social, os papéis da mãe chinesa foram mudando nas diferentes épocas, de líder do clã ou da tribo na sociedade matriarcal, passando a subordinada do homem e instrumento de procriação na sociedade feudal, até ao papel diversificado que hoje desempenha.

1.1 A MÃE NA ORIGEM DO SINOGRAMA: NA VISÃO ETIMOLÓGICA

A cultura no sentido generalizado, é a suma da riqueza material e espiritual criada pelo ser humano. Desta forma, idioma e escrita tratam-se da mesma cultura, sincronicamente são expressões de uma cultura.

Os caracteres chineses são diferentes dos signos do alfabeto, pertencendo ao único sistema de ideogramas ainda utilizado no mundo. A evolução e da acumulação milenar dos caracteres chineses foi um processo histórico-cultural magnífico, estes transmitem as informações e conhecimentos de todos os aspetos da vida. Os caracteres são, por isso, considerados testemunhos da cultura e da civilização chineses. Enquanto escrita histórica e uma espécie de “fóssil”, os caracteres permitem conhecer as atividades quotidianas, os valores éticos e aspetos psicológicos dos nossos ancestrais, construindo retrato ou epítome da vida dos antigos chineses.

Na obra *Explicação Etimológica dos Caracteres*⁶, lê-se:

⁵ TDA: Os filhos só conheciam das suas mães, ignorando a identidade dos seus pais: 只知其母, 不知其父 (*zhīzhī qīmǔ, bùzhī qífù*)

⁶ *Explicação Etimológica dos Caracteres* (说文解字, *shuōwénjiězì*), da autoria de Xu Shen (58-149) da dinastia Han Oriental, foi o primeiro livro a sistematizar as regras na formação dos caracteres e os seus significados.

“No início da criação do sinograma, CangJie⁷ usava os fenómenos como referências da forma da escrita, sendo este grupo de sinogramas wén – os pictograma e ideograma. Mais tarde, foi criada outra categoria de escrita chamada zì – ideofonograma, que são combinações dum indicador de coisas e dum componente sonoro. Os pictogramas são radicais que representam a origem das coisas, e os ideofonogramas são resultados da multiplicação entre os pictogramas e ideogramas... Deste modo, CangJie conseguiu registar todos os fenómenos do céu e da terra, fantasmas e espíritos, paisagens e plantas, animais e insetos, utensílios e novidades, governanças e rituais, assim como muitos outros assuntos e acontecimentos do mundo.”⁸

Os caracteres chineses podem ser categorizados em seis classificações de acordo com o seu método de criação: pictograma, deictograma, ideograma, ideofonograma, transferência de significado e empréstimo fonético ou semântico

O pictograma (imitação da forma), como a palavra sugere, representa um objeto ou conceito por meio de desenhos figurativos, transmitindo as ideias por meio da sua aparência. Esta é a mais antiga classificação das seis, sendo considerada a base para as outras cinco.

O Ideograma é um tipo de carácter composto por dois ou mais caracteres (pictogramas) simples. Em geral, esta classificação designa um objeto ou conceito abstrato, através de associação lógica, atribuindo um significado ao novo carácter.

⁷ Cangjie (仓颉, cāngjié): figura lendária da China antiga (2650 a.C.). Ficou conhecido como oficial do Imperador Amarelo e o inventor dos caracteres chineses.

⁸ TDA: 仓颉之初作书，盖依类象形，故谓之文。其后形声相益，即谓之字。文者，物象之本也。字者，言孳乳而浸……天地鬼神，山川草木，鸟兽昆虫，杂物奇怪，王制礼仪，世间人事，靡不毕载。Cf. DUAN, Yucai, 段玉裁, 说文解字注, Shanghai, Shanghai Chinese Classics Publishing House, 1981 p.1317.

O ideofonograma baseia-se em pictogramas e ideogramas, assumindo as funções de fonética e de significado, sendo construído por um componente fonético que indica a pronúncia e um componente semântico que indica o sentido. O ideofonograma representa cerca de 80% a 90% dos caracteres chineses.

A etimologia de “mãe”, 母 (*mǔ*), remete para o sexo feminino, tendo uma associação inseparável com “mulher”, 女 (*nǚ*). Por isso, impõe-se uma análise prévia do termo “mulher”.



Ilustração 1: O retrato de uma mulher e pictograma mulher (女 *nǚ*)

A ilustração mostra uma mulher ajoelhada, remetendo para a forma antiga de se sentar no chão, com os joelhos na esteira de palha e sobre os calcanhares. Naquele tempo, as mulheres eram responsáveis pelas tarefas domésticas como tecer, bordar e costurar, ao contrário dos homens que trabalhavam fora de casa. Outra explicação possível para esta imagem, surgida num contexto de patriarcado, é de que esta mulher se está a ajoelhar para humildemente servir o homem. No entanto, no matriarcado o estatuto da mulher não era inferior ao do homem, pelo que esta versão é menos credível. A primeira interpretação é mais viável, porque diz respeito à origem da forma gráfica, em associação à função mais universal da mulher. Esta diferença ajuda-nos a perceber que numa sociedade patriarcal a mulher era desprezada. Independentemente da versão, o carácter original retrata a característica feminina de flexibilidade e ternura.

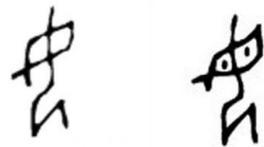


Ilustração 2: Os caracteres originais mulher (女) e mãe (母)

Observando os dois caracteres acima, repara-se que “mãe” tem mais dois pontos do que “mulher”. Um dos papéis importantes da mãe é amamentar o seu filho. Assim, os criadores da escrita chinesa associaram o seio à identidade da mãe, aquela pessoa que alimenta e cria os filhos.

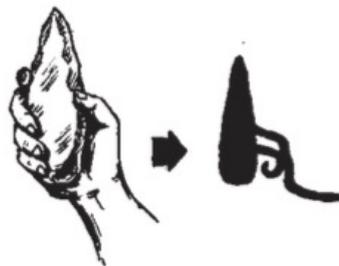


Ilustração 3: O retrato do pai e pictograma pai (父 *fù*)

Existem também duas interpretações para o caráter 父 (*fù*), pai. A primeira alude a uma mão que segura um machado em pedra, ferramenta esta que remete para os meios de subsistência daquele tempo. Este símbolo implica que o sexo masculino era a principal força de trabalho. Os dois caracteres apontam uma divisão social do trabalho: os homens caçavam, fabricavam e assumiam outros trabalhos físicos, enquanto as mulheres cuidavam dos filhos e dos assuntos domésticos.

Segundo a obra de *Xu Shen, Explicação Etimológica dos Caracteres*: “O pai é a autoridade da família, representando regra e prestígio. Na gráfica, os dois traços abaixo representam a mão do pai que ergue o bastão (os dois traços em cima) para

iluminar a família.”⁹ Em suma, confrontando das imagens do pai e da mãe na família, destaca-se o papel de subordinada e de obediência da mãe.



Ilustração 4: A escrita oráculo em ossos (甲骨文, jiǎgǔwén)¹⁰ apelido, (姓, xìng)

O carácter 姓 (xìng), o “nome da família”, é composto por dois ideogramas: mulher, 女(nǚ) e nascimento 生 (shēng). Analisando com atenção o carácter original, à esquerda encontra-se a imagem figurativa de planta, representando a vida nova, e à direita a representação de mulher (como já demonstrado na ilustração 1). Segundo *XuShen*, na sua *Explicação Etimológica dos Caracteres*:

“A etimologia deste ideograma é “alguém que dá a vida”. Na antiguidade, a mãe santa emocionou-se com o céu que lhe atribuiu conceição e assim teve o filho, por isso o seu filho foi chamado “Filho do Céu”. A mãe decidia o apelido dos filhos. Por isso, este carácter é composto de “mulher” (女) e de “nascimento” (生). 生 (Sheng) também é o elemento fonográfico.”¹¹

Analisando este carácter, desvendamos o estatuto da mulher e da mãe. Confirmamos que no matriarcado os filhos só conheciam as suas mães, desconhecendo a identidade dos pais, pelo que a mãe cuidava dos filhos a vida inteira, desempenhando um papel importante no desenvolvimento dos filhos. Em síntese, na

⁹ TDA: 父，矩也。家长率教者。从又举杖。

¹⁰ A escrita oráculo em ossos (甲骨文, jiǎgǔwén) remonta a cerca de 1.200 a.C., tratando-se das mais antigas inscrições conhecidas com plena certeza de serem chinesas. Foram encontradas em 1895 em Anyang, capital da dinastia Shang.

¹¹ TDA: “姓，人所生也。古之圣神，母感天而生子，故称天子。因生以为姓，从女从生，生亦声。” Cf. DUAN, Yucai, 段玉裁, *说文解字注*, Jiangsu, Jiangsu Phoenix House. Ltd., 2007, p.612.

sociedade matriarcal, a mãe representava a autoridade e era a única responsável pelos filhos.

“Os progenitores registaram as experiências e conhecimentos na escrita para passar a posteridade, e as gerações vindouras conheceram a antiguidade através dos seus escritos.”¹² O sistema de escrita, enquanto registo, pode refletir muitos fatores que caracterizaram os chineses nos tempos antigos nomeadamente sistema social, costumes, ética familiar, vida quotidiana, história, correntes de pensamento, entre muitos outros.

Por meio dos caracteres chineses para “mulher” e “mãe”, podemos tentar compreender melhor a identidade da mulher e da mãe nesta cultura milenar. Por outro lado, a análise do carácter pai permite comparar as imagens de ambos os progenitores. Por conseguinte, é significativo investigar a visão etimológica de “mãe”, no sentido de identificar a imagem da mãe chinesa.

1.2 A MÃE NA MITOLOGIA CHINESA

Tal como os caracteres retratam a cultura do seu país, os mitos são fontes da cultura de uma nação, que vão evoluindo com esta cultura. Os mitos, quais enigmas intrincados, encerram uma imensidão de informações que sobrevivem até hoje. Conhecendo os mitos, é possível entender a psicologia dos antigos e o pensamento coletivo dos povos em constante mudança, quiçá seja possível espreitar a fonte cultural.

Um mito é uma narrativa, escrita ou oral, que passa de geração em geração e que tenta explicar ou desmontar a origem de alguma coisa relevante que, à luz dos conhecimentos limitados de então, não era possível compreender. Neste contexto, o

¹² TDA: 前人所以垂后, 后人所以识古 (*Qiánrén suǒyǐ chuíhòu, hòurén suǒyǐ shigǔ*)

povo atribuiu um símbolo especial a um ser humano, animal ou qualquer objeto relacionado com a sua vida, ou seja, criou histórias fabulosas ou adaptou um facto real para expressar os seus desejos e ideais. Por esta razão, os mitos sobreviveram até hoje. O mito original foi apenas uma pista que, posteriormente, ao sabor das necessidades e circunstâncias, evoluiu e foi enriquecido com conteúdos e ideologias adicionais. A evolução dos mitos reflete assim alterações do pensamento e da maneira de viver dos antepassados.

O mito é uma ferramenta útil para conhecer uma nação e a sua cultura. O mito chinês de *Nü Wa* (女娲, *nǚwā*) é um dos mitos mais antigos daquela nação. Para o analisar, abordar-se-á primeiramente a visão etimológica do carácter 媧 (*wa*) que, segundo a *Explicação Etimológica dos Caracteres*: “媧 é a mãe da procriação e transformação de todas as coisas do mundo. O radical “mulher” (女) representa o género do ideograma, 𠩺 (*guǎ*) significa transformação”.¹³ Ou seja, *Nü Wa* é uma deusa-mãe e deusa de génese do povo chinês.

No que diz respeito ao componente 𠩺 será igual a 𠩺 (*guō*) neste contexto. Por um lado, 𠩺 contém o elemento 凵 (*kǒu*), boca, cuja forma é semelhante à vulva da mulher. Com esta ligação, 𠩺 recebeu um significado cultural especial, associado ao órgão genital feminino.¹⁴ Por outro lado, analisando o pictograma, a forma de 𠩺 remete para a imagem de uma mulher em pé com as duas pernas abertas. Isto também reflete o fenómeno social daquele tempo, quando o povo venerava o órgão genital feminino, cujo culto fazia parte da veneração à mãe.

¹³ TDA: “媧, 古之神圣女化万物者也。从女, 𠩺声。” Cf, DUAN, Yucui, 段玉裁, *说文解字注*. Shanghai, Shanghai Chinese Classics Publishing House, 2007, p.617.

¹⁴ ZHANG, Guohua, 张国华, *女娲形象研究*, Shandong, Universidade Normal de Shandong, 2008, p.5.

O mito de *Nü Wa* foi construído a partir de várias histórias. Sendo a primeira e mais famosa aquela que diz que *Nü Wa* criou o ser humano. De acordo com *As Leituras Imperiais da Época de Taiping*¹⁵:

“No início da criação do mundo, não existiam pessoas. *Nü Wa* moldou as pessoas com loesse, assim criou o ser humano. O trabalho era tão grande que não tinha força suficiente para terminar. Portanto, colocou a corda na lama e atirou-a. Quando a lama caiu no chão, transformou-se em pessoas.”¹⁶

Nü Wa criou o ser humano sem o ato da relação sexual. Nos mitos chineses existem muitos casos em que as mães conceberam os filhos desta forma imaculada, filhos esses que depois se tornaram imperadores. Por exemplo, *Jian Di*¹⁷ engoliu um ovo de pássaro que resultou em gravidez nascendo *Xie* (契)¹⁸; *Jiang Yuan*¹⁹ seguiu as pegadas de um gigante e deu à luz *Hou Ji* (后稷)²⁰; *Nü Deng*²¹ teve *Yan Di* (炎帝), em resultado do encontro com um dragão; *Fu Bao*²² concebeu o Imperador Amarelo porque foi atingida por um relâmpago, etc. Estes exemplos sugerem que ainda não se tinha descoberto o mistério da procriação, considerando-a sagrada. Devido à procriação, a mãe possuía um estatuto elevado e era respeitada pelos antigos chineses.

É relevante que *Nü Wa* criasse a humanidade com loesse já que desde os tempos antigos que os chineses veneram a terra. A terra (地, *dì*) é um termo feminino, na

¹⁵ *As Leituras Imperiais da Época de Taiping*, (太平御覽, *tàipíng yùlǎn*) é uma enciclopédia de obra de referência, compilada por vários oficiais na dinastia Song entre 977 a 983.

¹⁶ TDA: “俗说天地开辟, 未有人民, 女娲抟黄土作人。 副务, 力不暇供, 乃引绳絙于泥中, 举以为人。”

¹⁷ *Jian Di* (简狄, *jiǎn dì*), esposa do imperador *Ku* (嚳), foi uma figura importante na história e mitologia chinesas.

¹⁸ *Xie* (契, *xiè*) foi o antepassado dos imperadores da dinastia Shang, considerado o deus do fogo.

¹⁹ *Jiang Yuan* (姜嫄, *jiāng yuán*) foi uma figura importante na mitologia chinesa, mãe de *Hou Ji*, um herói cultural reverenciado como o “Deus de Milhete”.

²⁰ *Hou Ji* (后稷 *hòu jì*) foi o antepassado dos imperadores da dinastia Zhou, considerado Deus da agricultura.

²¹ *Nu Deng* (女登, *nǚ dēng*) foi mãe de *Yan Di*, um governante lendário chinês no período pré-dinástico.

²² *Fu Bao* (附宝, *fù bǎo*) foi mãe de *Huangdi* (o Imperador Amarelo), um dos Cinco Imperadores, reis lendários, sábios e moralmente perfeitos que teriam governado a China durante um período anterior à dinastia Xia.

visão do *I Ching ou Livro das Mutações*²³ que a representa como Yin (阴, *yīn*) ou Kun (坤, *kūn*)²⁴. A mãe procria e alimenta os filhos como a terra e loesse geram e alimentam os seres vivos. Por isso, *Nü Wa* também é considerada a Mãe-terra.

O facto de *Nü Wa* utilizar esta matéria implica que os antigos chineses prestavam culto à terra. Ao longo da história chinesa, o loesse surge como um símbolo importante. A título de exemplo, na poesia de *Li Bai*²⁵, a vida é proveniente do loesse e o loesse é alma da vida. Na cultura chinesa, o loesse contém significados especiais: por um lado, o loesse que alimenta os seres vivos abunda na China; por outro lado, com relação à cor de pele, dizem que o chinês pertence à “raça amarela”. Isto é, que é oriundo da terra, à qual retorna no fim da vida. Os chineses têm uma tradição interessante quando saem do seu lugar de nascimento, levam terra para a terra nova. Este costume revela que os filhos não só têm saudades da sua terra natal, mas também saudades da mãe. Sob uma perspectiva agrícola, o povo manifesta confiança à terra implicando, ao mesmo tempo, que tem fé na mãe.

Após a criação da humanidade, muitas calamidades assolaram. Em *Os Mestres/Filósofos de Huainan · Vislumbrando o Obscuro*²⁶ declara-se:

“Nos tempos antigos, os quatro pilares que suportaram o céu quebraram, e a terra partiu. O céu não conseguiu cobrir tudo completamente e a terra também não conseguiu carregar tudo absolutamente. As calamidades de fogo e de água estenderam-se e não pararam. Bestas e aves ferozes perseguiram os idosos e as crianças e mulheres. Pelos vistos, *Nü Wa* refinou as pedras coloridas para reparar o céu, cortou as pernas da tartaruga gigante para construir quatro pilares para segurar o céu, matou o

²³ *I Ching, Livro das Mutações ou Zhou Yi* (周易, *zhōuyì*) é um clássico chinês sobre a filosofia e a cosmologia.

²⁴ Yin (阴, *yīn*) e Kun (坤, *kūn*) são opostos a Yang (阳, *yáng*) e Qian (乾, *qián*), conceitos do taoísmo que expõem a dualidade de tudo no universo.

²⁵ Li Bai (李白, *libái*) (701-762) é considerado o maior poeta romântico da dinastia Tang

²⁶ *Os Mestres/Filósofos de Huainan · Vislumbrando o Obscuro*, (淮南子·览冥训, *huáinán zi · lǎn míng xùn*) é um clássico da filosofia chinesa, escrito na dinastia Han, sob o patrocínio de Liu An, rei de Huainan.

dragão preto para salvar a Planície Central e acumulou cinzas vegetais para absorver a água em excesso.”²⁷

Naquele tempo, o mundo era selvagem e os homens arriscavam a vida a cada instante. As bestas ferozes, calamidades imprevistas, produtividade baixa, os conflitos frequentes, etc. ameaçavam a vida da humanidade. Neste contexto, desejaram um poder forte contra todos estes fatores desfavoráveis, escolhendo *Nü Wa* como salvadora. Como a mãe protege os filhos, o povo quis que *Nü Wa* os protegesse. Como mãe que abriga sempre os seus filhos com amor altruísta, *Nü Wa* que consertou o céu para lhes oferecer um ambiente saudável e estável. Aos olhos das crianças, a mãe é onipotente, dá-lhes forças e crenças. O povo desejou que *Nü Wa* lhes outorgasse a capacidade para vencerem os desafios em circunstâncias de pobreza e de extrema dificuldade, depositaram as esperanças na deusa-mãe. Este mito reflete expectativa de sobrevivência e ideias populares, em vez de fabulizar um mundo totalmente irreal.

Para enriquecer a vida da humanidade, *Nü Wa* criou ainda o instrumento musical. No livro *Shiben·Zuopian*²⁸ lê-se: “*Nü Wa* criou *Shēnghuáng*.”²⁹ Na antiguidade, aprender a tocar um instrumento musical fazia parte da educação. Ao inventar o instrumento musical, *Nü Wa* iluminou o povo, da mesma forma que a mãe transmite conhecimentos aos seus filhos. Este mito demonstra que educar era uma importante responsabilidade materna naquele tempo.

A criação do mito de *Nü Wa* baseou-se numa profunda fonte cultural chinesa, não surgiu ao acaso. Mas partiu da veneração à força reprodutiva feminina. Tendo em conta este ponto de partida, explorar-se-á a origem do mito de *Nü Wa* para identificar que características maternas encerra.

²⁷ TDA: 往古之时, 四极度, 九州裂, 天不兼覆, 地不周载, 火烂炎而不灭, 水浩洋而不息。猛兽食颛民, 鸱鸟攫老弱。于是女娲炼五色石以补苍天, 断鳌足以立四极, 杀黑龙以济冀州, 积芦灰以止淫水。

²⁸ *Shiben·Zuopian* (世本·作篇, *shì běn·zuò piān*). *Shiben* ou *Livro Original* é a mais antiga enciclopédia chinesa de origens, sendo *Zuopian* um dos capítulos.

²⁹ 女娲作笙簧。笙簧 (*shēn huáng*) é um instrumento musical chinês de sopro, com tubos verticais.

Em primeiro lugar, na antiguidade foi necessário fomentar a taxa de natalidade para garantir a prosperidade e a produtividade agrícola. Dois fatores restringiam o crescimento de população. Por um lado, o meio-ambiente era perigoso, resultando numa taxa de mortalidade elevada. Por outro lado, a esperança média de vida era baixa. Neste contexto de necessidade de aumentar a população, surgiu *Nü Wa*, deusa-mãe, que criou a humanidade com loesse, associando a terra à mãe. A natureza nasce e o alimento cresce da terra, daí ser o símbolo da fertilidade, enquanto *Nü Wa* corresponde ao espírito da terra.

A terra é a ponte que liga *Nü Wa* e a mãe. Com esta associação surpreendente, a imagem de *Nü Wa*, revela qualidades da diligência, bondade, sacrifício, altruísmo e magnificência maternos. Sempre que existir uma mãe na vida, estará cheia de amor e de esperança.

Ao enfrentar horror e morte, o ser humano teve que procurar um poder extraordinário para o proteger. Ora, a mãe é sempre corajosa em prol dos filhos, fará qualquer coisa para os proteger, a ponto de sacrificar a própria vida. *Nü Wa* surgiu assim no ideário popular, enquanto mito controla inundações, liquida feras e conserta o céu. *Nü Wa* abençoa a humanidade como a mãe que guarda os filhos, pelo que as gerações vindouras viriam a oferecer sacrifícios, pedindo não só fertilidade, mas buscando também orientação espiritual. Onde a mãe está, a pessoa sente-se segura, sendo esta é uma das razões porque os antigos criaram o mito de *Nü Wa*

Por fim, *Nü Wa* criou um instrumento musical, uma ferramenta de educação. Os antepassados utilizaram o instrumento musical como o símbolo da educação para salientar o mérito da mãe nesta área. Na sociedade matriarcal e no início da sociedade patriarcal não existiam instituições escolares, a educação era essencialmente familiar. A mãe, em particular, assumia a responsabilidade da educação dos filhos e, uma vez que convivia com as crianças diariamente, as suas palavras e os seus comportamentos influenciavam-nos diretamente. Na educação das filhas era dado uma ênfase especial às artes da cozinha e da costura.

Em suma, no mito de *Nü Wa*, a procriação, alimentação e abrigo são as qualidades básicas da mãe, porém, em razão do atraso civilizacional, a principal imagem da mãe era a de procriação. O amor criador da mãe foi retratado em muitas obras da literatura chinesa, ou seja, *Nü Wa* como o símbolo criador foi evoluindo de geração em geração. Com o decorrer do tempo, o confucionismo tornou-se a filosofia predominante na China, o que conduziu a uma mudança do estatuto feminino e da mãe. Sob a influência do confucionismo, a adoração a *Nü Wa* concentrou-se apenas na veneração do instinto materno, ignorando os demais valores femininos que a deusa possui.

1.3 A MÃE NAS FILOSOFIAS E RELIGIÕES CHINESAS

A filosofia estuda as questões gerais e fundamentais relacionadas com a natureza da existência humana, do conhecimento, da verdade, dos valores morais e estéticos, da mente, da linguagem, bem como do universo na sua totalidade. Portanto, a filosofia é uma ferramenta valiosa para conhecer a cultura de uma nação. A mãe, enquanto elemento da família e da sociedade, tem deixado a sua marca na filosofia, indícios que o presente trabalho procurará identificar. Ao longo dos seus milênios de história, a China foi desenvolvendo uma multiculturalidade regional, que contribuiu para o surgimento de filosofias como o budismo, oriundo do estrangeiro, o confucionismo e o taoísmo, que nasceram localmente.

1.3.1 NO CONFUCIONISMO

O confucionismo é um sistema filosófico chinês criado por Confúcio³⁰, que abrange domínios como a ética, a política, a pedagogia e a religião. O confucionismo dominou a China durante mais de dois mil anos e influenciou a maneira de falar, pensar e agir do povo chinês até aos dias de hoje.

³⁰ Confúcio 孔子(kǒngzǐ) é um pensador e filósofo chinês do Período das Primaveras e dos Outonos, criador do confucionismo.

Na dinastia Han³¹ o confucionismo desenvolveu-se rapidamente, começando a formar o padrão da imagem materna, nomeadamente através da *Biografia das Mulheres Exemplares*³². O primeiro título da obra elogia as mães classificadas como exemplares, identificando os diferentes caracteres e qualidades: as mães retratadas são virtuosas, meigas, obedientes, altruístas e fiéis. De facto, estas qualidades refletem os critérios confucionistas para os comportamentos da mãe serem considerados ideais. Para além disso, o “ritual” e a “piedade filial” são dois dos conceitos confucionistas mais relevantes, que redundaram diretamente no estatuto da mãe durante a sociedade feudal.

O confucionismo tradicional apresenta uma certa inclinação para o machismo. O ritual original assentava na cerimónia do sacrifício mas, com o tempo, a essência do ritual transformou-se numa definição hierárquica. Os governantes utilizaram o ritual para gerirem o país e influenciarem os comportamentos e mentes das pessoas. No que diz respeito ao controlo da mulher, podemos ver em 三从四德 (*sāncóng sìdé*) *Três obediências e quatro virtudes*³³, que as mulheres eram restringidas à ética feudal, com todos os seus comportamentos a serem limitados pelo ritual. A maior parte das mulheres desempenhava três papéis: filha, esposa e mãe. O confucionismo regulou-lhes os rituais nas suas diferentes etapas. O pensamento que a mulher é inferior ao homem refletiu-se nos costumes e nas regras que a mulher devia cumprir

Na primeira etapa, de filha, a mulher era propriedade do pai, que possuía o direito de a dominar. Legalmente, o pai podia vender, presentear ou oferecer a filha em casamento sem o seu consentimento prévio. A educação que a filha recebia servia apenas para agradar à família do futuro marido e para isentar a sua família da vergonha que sentiriam se não soubesse fazer os trabalhos domésticos. Enquanto solteira, era proibida de estar sozinha com rapazes, o seu quarto ficava sempre no fundo do primeiro andar, para evitar contactos indesejados.

³¹ Dinastia Han: 206 a.C. – 220 d.C.

³² 列女传 (*liè nǚ zhuàn*) é um livro compilado durante a dinastia Han pelo estudioso *Liu Xiang*. Inclui 125 relatos biográficos de mulheres exemplares da China antiga.

³³ Três obediências: obediência ao pai antes do casamento 未嫁从父 (*wèi jià cóng fù*); obediência ao marido depois do casamento 既嫁从夫 (*jì jià cóng fū*) e obediência ao filho na viuvez 夫死从子 (*fū sǐ zòng zǐ*). Quatro virtudes: a moralidade 妇德 (*fū dé*); discurso adequado 妇言 (*fū yán*); a aparência arrumada 妇容 (*fū róng*) e o trabalho diligente 妇功 (*fū gōng*).

Na segunda fase, tinha que seguir as regras de uma esposa, sendo a obediência o primeiro requisito do confucionismo. Não só obedecia ao marido, mas também aos sogros. De outro ponto de vista, a sogra tinha ao mesmo tempo o papel de mãe, que era respeitado pelo filho e pela nora. Além da obediência, o outro importante ritual do confucionismo dedicado à esposa era a castidade. No livro *Clássico dos Ritos*³⁴ refere-se que “A esposa segue o seu marido a vida inteira, portanto, não obstante o falecimento do marido, não pode voltar a casar.”³⁵ O confucionismo estabeleceu várias precauções para manter a castidade da viúva, precauções essas que refletiam o estatuto humilde da mulher.

O papel de mãe é o mais significativo para a mulher, esta só adquiria o respeito na família sob esse estatuto, claramente, na hipótese de dar um filho que transportava o nome e o sangue da família, embora esse papel de mãe tinha um poder muito limitado dentro duma família. A primeira regra para ser uma boa mãe, do ponto da vista do confucionismo, era dar à luz um filho para a família do marido, uma filha seria a esposa da outra família no futuro, só o filho era sucessor do clã. As mães que tinham o primeiro filho adquiriam o direito de falar no seio da família, enquanto as mulheres sem filhos nunca levantavam a cabeça. Ou seja, o filho era a chave que mudava o destino de uma mulher. A mãe viúva, por sua vez, como já mencionado anteriormente, teria que obedecer ao filho, não podendo voltar a casar para manter a castidade. Além disso, teria de cuidar e educar as gerações seguintes sem lamentos ou arrependimentos.

Na obra *Peito Grande, Ancas Largas*³⁶, conta-se que a personagem 上官鲁氏 (*Shàngguān lǔshì*) agiu contra o ritual do confucionismo, traindo o marido para ter um filho. O título usa os ideogramas “peito” e “ancas” como metáforas da mãe, já que o peito serve para amamentar os filhos, e o termo “ancas” representa a terra que alimenta o povo. A própria forma de tratamento - *Shàngguān* é o nome de família do

³⁴ *Clássico dos Ritos*: 礼记(*lǐjì*) é um dos cinco clássicos chineses do cânon do confucionismo.

³⁵ TDA: 一与之齐，终身不改，故夫死不嫁。

³⁶ *Peito Grande, Ancas Largas*: 丰乳肥臀(*fēngrǔ féitún*) é uma das obras de *Mo Yan*, laureado com o Nobel de Literatura em 2012.

seu marido e *Lǔshì* é o seu nome de família original – impede-nos de saber o seu nome próprio. Este tratamento dado às mulheres antigas reflete quão humilde era a sua posição. A personagem atinou que o marido era estéril mas, sabendo que só dando à luz um filho ela podia mudar o seu estatuto de escrava, cometeu adultério. Ela deu à luz seis filhas com a ajuda de vários homens, incluindo o seu tio e monge. Por fim, deu à luz gémeos de sexos opostos realizando, desta maneira, o seu valor de mãe. Entre a castidade e o filho, ela escolheu a segunda opção. A crueldade da vida ensinou-lhe uma lição: sendo mulher, não teria saída sem ser o matrimónio; depois do casamento, não teria saída sem um filho.

A sua escolha deve ser vista à luz de dois argumentos. Primeiro, *há três formas de violar a piedade filial, sendo o pior não gerar um sucessor*. Esta regra de ouro matou silenciosamente a felicidade de muitas esposas e mães. Em segundo lugar, um filho fazia com que o seu estatuto de mãe fosse respeitado por toda a gente, pelo que as chinesas queriam um filho a qualquer preço.

Resumidamente, enquanto mãe, a mulher via o seu estatuto elevado sendo este objetivo igualmente indissociável da piedade filial do confucionismo já que Confúcio disse: “A piedade filial é o mais importante nos comportamentos de humanidade”³⁷. A piedade filial é uma virtude de respeito aos pais e outros familiares mais velhos, sendo enfático no confucionismo. A cultura chinesa prestou um valor imenso ao papel da mãe, pelo que a imagem materna sobressaía num contexto de inferioridade feminina. Ou seja, o papel da mãe era a única maneira de refletir o valor do género feminino, pois a piedade filial atribuía à mãe uma vida magnífica.

Por ter nascido com o sexo feminino, o confucionismo remeteu-a para um estatuto marginal, de subordinação; entretanto, como mãe, a piedade filial empurrou-a para uma posição mais dominante. Subordinada, mas ao mesmo tempo dominante, esta contradição do ser feminino no confucionismo formou uma imagem complexa da mãe.

³⁷ TDA: 人之行，莫大于孝(*rén zhī xíng, mò dà yú xiào*)

O confucionismo definiu, entre as funções da mãe chinesa tradicional, a regra da simpatia. A obra *Registos do Historiador*³⁸ enumera as qualidades no relacionamento humano, a saber: “benevolência do pai e o carinho da mãe, a fraternidade do irmão mais velho e o respeito do irmão mais novo, a piedade dos filhos”³⁹. Repare-se que o carinho da mãe é a premissa da piedade filial, ou seja, a mãe tinha que se adequar a este padrão, que correspondia à sua identidade à luz do confucionismo. Só quem obedecia a esta regra recebia o respeito dos filhos.

A simpatia da mãe e a piedade filial são complementares e interligadas. Quanto mais a mãe executava a sua função, mais autoridade tinha. Mas, em consequência da influência profunda da piedade filial, surgiu um fenómeno estranho de mães incômodas e abusivas que também recebiam o respeito dos filhos. Este tipo de piedade filial refletiu-se mais no sentido moral do que afetivo.

Na obra *O Pavão Voa ao Sudeste*⁴⁰, 焦母 (jiāomǔ) é uma mãe arbitrária: 焦 é o nome de família do seu marido e 母 significa mãe. Antigamente, era comum que as mães fossem chamadas como a mãe de X, sendo X o apelido do marido. Na obra nunca aparece outro apelido ou nome próprio, confirmando que o papel de mãe é o mais relevante de entre todos os seus papéis, já que este tratamento nega outras qualidades da mulher. Na história, *Jiaomu* obriga o filho a divorciar-se da nora, apesar de esta possuir as quatro virtudes (moralidade, um discurso adequado, uma aparência arrumada e trabalho diligente) e os cônjuges se amarem. Mas *Jiaomu* não se sentia satisfeita com ela, pelo que o filho teve que obedecer à sua ordem e separar-se. No final, os cônjuges suicidam-se juntos. Este drama ocorreu na “ausência” do pai, que resultou na autoridade suprema da mãe, tendo a piedade filial forçado o filho a aceitar as suas exigências absurdas.

³⁸ *Registos do Historiador* (史记 shǐjì) é uma obra de *Sima Qian*, que descreve a história a época do mítico Imperador Amarelo até à época do Imperador Wu.

³⁹ TDA: 父义母慈, 兄友弟恭, 子孝 (fùyì mǔcí, xiōngyǒu dìgōng, zǐxiào)

⁴⁰ *O Pavão Voa ao Sudeste*: 孔雀东南飞 (kǒngquè dōngnán fēi) é uma das mais famosas baladas populares da dinastia Han.

Jiaomu é uma de milhões de mães chinesas rudes da sociedade feudal chinesa, que demonstraram uma personalidade mórbida ao arrancarem o filho da nora. Esta personalidade foi provocada por duas ordens de fatores: o ritual do confucionismo e o ambiente familiar. As mulheres tinham uma posição humilde, tinham ainda que praticar *as três obediências e quatro virtudes*. Na altura, era vergonhoso que voltassem a casar, portanto as viúvas tinham que criar os filhos sozinhas. Esta era uma vida pesada para os ombros frágeis das mulheres, numa época em que constituíam um grupo vulnerável. Além das dificuldades físicas, o sofrimento mental agravou a personalidade mórbida, uma vez que a libido da viúva era reprimida. Por outro lado, numa época em que homem podia ter várias esposas, muitas vezes o marido não satisfazia a necessidade sexual da esposa. O termo castidade equivalia a abstinência sexual e, após longos períodos de abstinência, as viúvas tornavam-se mais cruéis, solitárias e mal-humoradas. A repressão sexual conduziu à anormalidade psicológica de terem inveja da felicidade da nora, por contraponto à sua própria vida sem amor ou sexo. Para exteriorizarem a sua insatisfação, procuravam formas de castigar a nora.

Jiaomu é uma figura típica: o filho é o único homem com que ela conta, ocupando o centro do seu mundo. Ela concentrou todos os esforços no filho que, durante muitos anos, foi o seu único pilar espiritual e depositário de esperanças. O amor maternal tornou-se tão extremo que ela tomou o filho como propriedade privada e, quando apareceu uma mulher na vida dele e com ela partilhou o amor, sentiu a sua propriedade privada invadida. Por consequência, separou-os.

No *Clássico dos Ritos* refere-se que “Se um filho mostra demasiado amor pela esposa e ignora os pais que ficam desagradados, então saem da casa.”⁴¹ *Jiaomu* aproveitou o ritual do confucionismo para exercer a autoridade de mãe. Sob a ordem materna, o poeta chinês *Lu You*⁴² também se divorciou da sua esposa a quem muito amava.

⁴¹ TDA: 子甚宜其妻，父母不悅，出(zǐ shényí qíqī, fùmǔ bùyuè, chū).

⁴² 陆游 (*lùyóu*) (1125- 1210) é um poeta famoso da dinastia Song.

Já se referiu que na sociedade feudal o homem trabalhava fora, levando a crer que a mãe tinha autoridade na gestão da família e poder diante dos descendentes. Mas, com efeito, na sociedade patriarcal, a autoridade da mãe era inferior à do pai, ou seja, a mãe escondia-se atrás da identidade do pai. Só quando acontecia a “ausência” do chefe de família a mãe assumia a autoridade suprema, como se verificou nos casos de *Jiaomu* e da mãe de *Lu You*.

A imperatriz Viúva *Cixi* é um exemplo conhecido, pois regeu país devido ao falecimento do marido, o imperador *Xianfeng*⁴³ e à idade pequena do filho, o sucessor, *Tongzhi*⁴⁴. Neste contexto, *Cixi* desempenhou o papel do pai, obtendo autoridade carismática. 余太君 (*shétàijūn*)⁴⁵ assumiu o comando do exército após o falecimento do marido, substituindo-o no cargo, e liderou os seus sete filhos no campo da batalha.

Em virtude da “ausência” do marido, a mãe de Mêncio⁴⁶ teve a liberdade de mudar de casa por três vezes, para se afastar dos ambientes desvantajosos que prejudicavam os estudos do filho. Na história chinesa, existem conjunto de exemplos em que faltou a presença do pai, dando a oportunidade à mãe de ascender à liderança da família.

Uma vez que o homem trabalhava fora de casa e a mulher cuidava da família, a mãe possuía autoridade para gerir a família e tinha direito superior diante das gerações masculinas mais novas. Todavia, a mãe era a implementadora e defensora fiel da ética patriarcal. Ou seja, o prestígio materno baseava-se nos dois papéis: o de “implementadora” e o de “defensora”. Os descendentes prestavam-lhe homenagem por causa da sua encarnação da ética patriarcal. No que diz respeito à substância da autoridade materna, essa foi-lhe atribuída pela autoridade paterna. Na sociedade feudal chinesa, só a mãe que obedecia à cultura do confucionismo podia possuir poder, pois esta defendia os direitos e deveres paternos. As palavras que a mãe ensinava e

⁴³ 咸丰 (*xiánfēng*) nascido *Yizhu*, (1831-1861) foi o sétimo imperador da dinastia Qing a reinar sobre a China, de 1851 a 1861.

⁴⁴ 同治 (*tóngzhì*) (1856 –1875) foi o oitavo imperador da dinastia Qing, reinando entre 1861 e 1875.

⁴⁵ 余太君 (*shé tàijūn*) é a sua alcunha e o seu nome verdadeiro é 余赛花 (*shé sàihuā*). Ela é uma figura prominente na história de Generais da Família *Yang*.

⁴⁶ Mêncio: 孟子 (*mèngzǐ*) é um filósofo chinês, o mais eminente seguidor do confucionismo e verdadeiro sábio.

com as quais orientava os seus descendentes eram transmitidas pelo pai, pelo que a mãe era a porta-voz e representante do pai. No entanto, ao desempenhar o papel da “mãe”, afastava-se da essência da mulher, tratando-se de uma não-identidade. Na realidade, a mãe tornava-se guardiã da autoridade paterna. Nesta visão, a sociedade operou a desnaturação da mãe. Por isso, é fácil de compreender os exemplos dados acima, em que as mães dominavam a autoridade. As suas palavras e comportamentos correspondiam inteiramente às regras do confucionismo, o que fez com que as mães pudessem usufruir do direito de falar na família.

Como vimos, a dignidade materna suprema ocorreu aquando da morte do pai. Contudo, quando o pai e a mãe estavam presentes, a autoridade da mãe era inferior. Muitos factos quotidianos refletiam esta desigualdade, nomeadamente o luto: o filho tinha que estar de luto durante três anos pela mãe com 齐衰(*qícuī*)⁴⁷ na situação em que o pai antecedeu o falecimento. Porém, o filho só estava de luto pela mãe durante um ano com 齐衰, caso o pai estivesse vivo. Por outro lado, o filho teria que manter o luto pelo pai com 斩衰(*zhǎncuī*)⁴⁸ por três anos, independentemente se a mãe estava viva.

Na *Clássico de Três Caracteres*⁴⁹ afirma-se que “A má educação do filho é culpa do pai.”⁵⁰ porque, à luz do confucionismo, a educação era responsabilidade paterna. Esse argumento tem a ver com o facto da maioria das mulheres não receber qualquer educação formal. O provérbio “Ignorância é a virtude para a mulher”⁵¹ era a regra de ouro naquela época. Sob a influência do confucionismo, a maior parte das pessoas seguiu impercetivelmente esta regra, portanto as mulheres não tinham a capacidade de ensinar os filhos a ler e escrever.

⁴⁷ 齐衰 (*qí cuī*): é uma classificação do traje usado em sinal de luto, inferior a 斩衰 (*zhǎn cuī*)

⁴⁸ 斩衰 (*zhǎn cuī*): é uma classificação de mais respeito.

⁴⁹ 三字经 (*sānzījīng*) foi o manual de ensino tradicional chinês das crianças. Cada frase era composta com três caracteres.

⁵⁰ TDA: 子不教, 父之过 (*zǐ bù jiào, fù zhī guò*)

⁵¹ TDA: 女子无才便是德 (*nǚzǐ wú cái biàn shì dé*) é que teve origem em 《公祭祁夫人文》 (*gōngjì qí fūrén wén*).

É inegável que o ritual e a piedade filial trouxeram autoridade e dignidade à mãe, ainda que inferiores à paterna. Enquanto filosofia oficial chinesa que dominou o país por milénios, o ritual e a piedade filial produziram efeitos profundos para as mães chinesas. Sob esta influência, as mães tradicionais chinesas foram vítimas do patriarcado, ao mesmo tempo que transmitiram a cultura patriarcal. As mães antigas foram as representantes femininas alienadas do machismo, transferindo, conscientemente, todas as exigências que lhes eram impostas para os seus códigos de conduta.

1.3.2 NO BUDISMO

O budismo - filosofia ou religião não teísta, que abrange diferentes tradições, crenças e práticas, principalmente assentes nos ensinamentos de Buda - teve origem na Índia. Por volta do ano 67, o budismo chegou à China e durante a dinastia Tang foi vulgarizado, atingindo o seu pico. O budismo possui o maior número de crentes na China entre as cinco principais religiões. Apesar de ser uma religião estrangeira, ultrapassou a religião local, o taoísmo, e tem influenciado o país geração após geração, influenciando e mudando inevitavelmente a vida chinesa.

Quando o budismo indiano entrou na China, não foi imediatamente popularizado, porque os seus pensamentos chocavam, em grande medida, com a cultura chinesa, especialmente com a filosofia dominante. O budismo indiano divulgou ideias tais como abandonar a família e não casar, completamente contrárias aos conceitos básicos de piedade filial e de procriação do confucionismo. Para se enraizar na China, o budismo teve de se ajustar às ideias locais, surgindo assim muitas escrituras sagradas, algumas com base nas histórias clássicas chinesas, de que são exemplo o *Sutra de Piedade Filial* (父母恩重難報經, *fùmǔ ēnzhòng nánbào jīng*), o *Sutra de Piedade Filial* (孝子經, *xiàozǐ jīng*) e o *Sutra de Ullambana* (盂蘭盆經, *yúlánpén jīng*). Ou seja, gerou-se um budismo adaptado à terra chinesa.

A título de exemplo, a ideia central do budismo indiano é a igualdade de todas as criaturas vivas, porém, após chegar à China e sob a influência do confucionismo, o machismo foi-se insinuando, consciente ou inconscientemente, nas escrituras budistas. Portanto, as escrituras budistas chinesas manifestaram preconceito e discriminação em relação ao sexo feminino, adicionando *as três obediências e quatro virtudes*. Na escritura budista indiana *A Instrução para a Xin Jiala*⁵² listam-se cinco virtudes da esposa: “executar bem o trabalho; cuidar bem de famílias; não se extraviar; proteger bens familiares; executar o trabalho diligentemente e habilmente que deve fazer.”⁵³ Mas quando traduzido para chinês, o seu significado foi distorcido:

“Quando o marido vem para casa, a esposa tem de se levantar e acolhê-lo; quando o marido não está em casa, a esposa tem de arrumar a casa e cozinhar para esperá-lo; a esposa não pode pensar no sexo com outros homens, e quando o marido se zanga ou a repreende, não pode retribuir; a esposa tem que obedecer às instruções do marido e não pode esconder as coisas familiares sem autorização; a esposa só pode dormir após o marido descansar.”⁵⁴

Comparando as duas versões, constata-se que a crença na inferioridade feminina do confucionismo influenciou bastante o budismo. Sem falta, a piedade filial à mãe do confucionismo também influenciou a atitude do budismo. O *Sutra de Piedade Filial* recorda as dificuldades que a mãe teve por dar à luz e criar os filhos, equiparando, além disso, a graça da mãe aos budas. Porém, o *Sutra de Piedade Filial* e *Sutra de Ullambana* omitem a ideia de igualdade entre pais e filhos, e acrescentam o conceito de piedade filial, revelando claramente que o budismo elevou a mãe a um estatuto extraordinário.

⁵² 对辛加拉的教导(*duì xīn jiā lā de jiàodǎo*)

⁵³ TDA: 一是善于处理工作; 二是好好对待眷属; 三是不可走入歧途; 四是搜集的财产; 五是对应作的事情, 要巧妙勤奋地去做。

⁵⁴ TDA: 一是夫从外来, 当起迎之; 二是夫出不在, 当炊蒸扫除以待之; 三是不得有淫心于外夫, 骂言不得不得还骂作色; 四是当用夫教诫, 所用什物不得藏匿; 五是夫休息盖藏乃得卧。Cf. *GAO Hua; HUANG Chao*, 高华, 黄超, 《说文解字》“女”部字所反映的古代文化, p.105.

Com a vulgarização do budismo, de modo a conseguir a libertação espiritual, alcançar um destino melhor na próxima vida, ou mesmo como forma de demonstrar saudades pelo marido falecido, surgiu a freira budista. Naquele tempo, a maioria das freiras eram viúvas ou mulheres sem filhos, na verdade, a maior parte não possuía um carácter religioso. O aparecimento dos conventos budistas de freiras ajudou muitas mulheres, que não eram ou não conseguiam ser mães, a fugirem de um destino infeliz. Neste sentido, o budismo ajudou as mulheres a escaparem da perseguição do confucionismo.

É de conhecimento geral que não existe distinção de sexo entre budas. Entretanto, a metamorfose do sexo de Guan Yin, que passou de masculino a feminino, manifesta o respeito à imagem da mãe. Podemos confirmar que, inicialmente, todos os perfis de budas eram masculinos nas Grutas de *Mogao*⁵⁵. Com o enraizamento do budismo na China e a ligação entre o culto à mãe e a crença do povo chinês, a estátua de Guan Yin começou a feminizar-se nas dinastias do Sul e do Norte⁵⁶, e só na dinastia Tang⁵⁷ se definiu como totalmente feminino. O seu perfil tradicional tem um rosto oval, uma pequena boca e dez dedos finos. A estátua de Guan Yin impressiona os chineses por ser simpática e bela como a mãe. Os turistas estrangeiros consideram-na a Vénus Oriental. Aquando do aparecimento de Guan Yin feminina, as suas histórias como salvadora também se espalharam na China. A metamorfose do sexo de Guan Yin era justamente a razão da sua identidade e das suas características. O seu nome completo é Buda de Guan Yin de Compaixão e de Misericórdia Infinitas⁵⁸, revelando qualidades que coincidem com as qualidades da mãe: simpática, flexível, benévola, honesta, sensível, meiga e misericordiosa. Desta forma, podemos entender que quando o povo recorria a Guan Yin em busca de auxílio, imaginava-a sempre como a sua mãe. Com o decorrer do tempo, o povo transfigurou naturalmente o Guan Yin masculino indiano na Guan Yin feminina chinesa. Os altares budistas dedicados a Guan Yin apareceram não só no templo, como também nas casas do povo comum. Os chineses veneram Guan Yin como as crianças veneram a sua mãe. Na realidade, a transformação do sexo de Guan Yin foi desejo popular.

⁵⁵ Grutas de Mogao: 敦煌莫高窟(*dūnhuáng mògāo kū*), situadas nos arredores da cidade de *Dunhuang*, no noroeste da China. São 735 covas com mais de 45 mil metros quadrados de pinturas, o que as tornam o maior conjunto de arte budista do mundo.

⁵⁶ Dinastias do Sul e do Norte: 420- 589

⁵⁷ Dinastia Tang: 618- 907

⁵⁸ TDA: 大慈大悲救苦救难观世音菩萨(*dàcí dàbēi jiùkǔ jiùnàn guānshìyīn púsà*)

Por outro lado, a veneração a Guan Yin implica o apego à mãe. Sigismund Freud defendeu que os adultos também têm apego à mãe, mas com diferentes graus. O amor de mãe da época infantil fica guardado na memória, influenciando o psicológico humano. Estas memórias bonitas excitam o apego à mãe, e as características como a meiguice, compaixão e sacrifício correspondem às necessidades psicológicas profundas do ser humano, que lhe garante a sensação de segurança.

Em síntese, o budismo, tal como o confucionismo, valoriza o papel da mãe, mas desvaloriza a identidade do ser feminino. Para se enraizar na China, a religião estrangeira não teve outra alternativa exceto absorver o cerne do confucionismo. Portanto, a imagem da mãe no budismo é idêntica à imagem da mãe no confucionismo.

1.3.3 NO TAOISMO E YIJING

Yijing também conhecido como o *I Ching* ou *Livro das Mutações*, é considerado a filosofia e cosmologia mais antiga da China⁵⁹. Descreve e explica o mundo através do pensamento e das mutações de Yin e Yang. No início, *Yijing* foi utilizado no oráculo, e, com o passar do tempo, influenciou filosofias (em particular a filosofia do taoismo), religiões, a medicina, a astronomia, a literatura, a música, a aritmética, as artes marciais chinesas e outras artes.

Yijing não referiu o conteúdo da mãe, mas podemos inferir a imagem materna, através da análise do papel do sexo feminino. *Yijing* narra “Todas as coisas do mundo foram criadas por Yin e Yang”.⁶⁰ Yin e Yang expõem a dualidade de tudo o que existe no universo. O Yin é o princípio feminino, terra, noite, lua, água e mulher. O Yang é o princípio masculino, céu, dia, sol, fogo e homem. Os dois são opostos e, ao mesmo tempo, dependem um do outro. Portanto não existem coisas universais sem

⁵⁹ O tempo de completar *Yingjing* não consegue definir agora.

⁶⁰ TDA: 易有太极，是生两仪(*Yì yǒu tàijí, shì shēng liǎngyí*)

oposição. A interação das oposições promove a mutação e o desenvolvimento de todas as coisas universais. Sendo assim, não existe humildade ou autoridade entre yin e yang que possuem, por isso, um estatuto igual. A *Explicação dos Trigramas*⁶¹ refere que “乾 (*qian*) representa o céu (*yang*), por isso trata-o por pai; 坤 (*kun*) representa a terra (*yin*), por isso, trata-a por mãe.”⁶² Esta cena indica apenas a distinção da altura entre o céu e a terra, não desigualdade do valor e estatuto sociais. A terra é a mãe do ente mundial, que suporta e alimenta a criação.

“O movimento do Céu é cheio de vigor. Deste modo, um homem deve constantemente para a auto-perfeição. A condição da Terra é a devoção. Desta maneira, um homem deve carregar o mundo exterior com bondade.”⁶³

Segundo as referências de *Yijing*, a terra e a mãe, em virtude das suas qualidades insubstituíveis, como a devoção, a paixão e a tolerância, usufrui o mesmo estatuto que o homem. O texto *Diversos Hexagramas*⁶⁴ conta que 乾 (*qián*) é enérgico e 坤 (*kun*) é flexível.⁶⁵ *Qian* e *Kun* representam respetivamente dois elementos em oposição: o Yang e o Yin. *Qian* contém a qualidade de domínio e vigor, e *Kun* possui a virtude da flexibilidade, cujos caracteres são opostos e complementares. Como os entes universais têm os mesmos caracteres básicos de oposição e complementaridade, também o ser masculino e o feminino são um par em contradição e, concomitantemente, são complementares. Os caracteres deles são diferentes, até opostos, mas os estatutos são iguais.

De acordo com as versões mencionadas, aparentemente, no pensamento de *Yijing*, não existe hierarquia entre sexos. Pela mesma razão, julgamos que não existe hierarquia entre o pai e a mãe, seja no seio familiar, no contexto social ou na

⁶¹ A Explicação dos Trigramas: (说卦, *shuōguà*) é um dos comentários do *Yijing*.

⁶² TDA: 乾, 天也, 故称乎父; 坤, 阴也, 故称乎母

⁶³ TDA: 天行健, 君子以自强不息; 地势坤, 君子以厚德载物 (*Tiān xíng jiàn, jūnzǐ yǐ zìqiángbùxi; dì shì kūn, jūnzǐ yǐ hòudezàiwù*)

⁶⁴ *Diversos Hexagramas* (杂卦, *záguà*) é um dos comentários de *Yingjing*

⁶⁵ TDA: 乾刚, 坤柔 (*qiángāng, kūnróu*)

personalidade individual. A família é como um mundo. Neste sentido, o pai é o céu e a mãe é a terra. O céu oferece sol e chuva à criação viva, enquanto a terra lhe proporciona a nutrição. Os dois são independentes, mas ao mesmo tempo, são complementares. Quando algum destes papéis está ausente, a família não consegue funcionar normalmente.

Em suma, a essência de *Yijing* é a mutação alternada de Yin e Yang para explicar todas as coisas universais. As relações de oposição e de dependência mútua mostram a igualdade entre Yin e Yang. Portanto, no taoísmo não existem relações de domínio e submissão. Por consequência, os estatutos do pai e da mãe são equivalentes, o que não acontece no confucionismo e no budismo. Concluímos esta análise destacando que a imagem taoista do pai é forte, ambiciosa, enérgica e áspera, enquanto a da mãe é mais flexível, humilde, sossegada e cuidada.

1.4 EXTENSÃO DO CONCEITO DA MÃE NA CULTURA CHINESA — O RIO AMARELO, O RIO MÃE DOS CHINESES

As pessoas chamam aos rios as artérias da terra. Os rios humedecem a terra e alimentam o povo geração após geração, tornando-se por isso o berço da civilização humana. Em função disso, tratamos muitos cursos de água doce por “Rio Mãe”: o Brasil tem o Amazonas, a Inglaterra tem o Tamisa, o Iraque tem o Eufrates e o Tigre e a China tem o rio Amarelo.

O rio Amarelo é o segundo mais comprido da China, medindo 5.464 km. A sua nascente fica no Planalto do Tibete. Passa por nove províncias e acumula centenas de afluentes, correndo de oeste a leste, formando um sistema individual da água que deu origem a terras férteis e bons pastos onde nasceu a civilização chinesa. A corrente do rio Amarelo é como o leite da mãe não só para o povo chinês, mas também para muitas culturas magníficas. O rio-mãe testemunhou que o primeiro fogo foi aceso por *Suirenshi*⁶⁶ ao friccionar madeiras; testemunhou a deixar de se alimentar de comida crua; testemunhou a criação e divulgação dos quatro grandes inventos da China antiga

⁶⁶ 燧人氏 (*suirenshi*): Há uma versão que diz que ele foi um dos Três Angustos.

(bússola, pólvora, fabricação do papel e a técnica de impressão em bloco); testemunhou a criação e desenvolvimento das dez essências (porcelana, poesia, seda, arte marcial, medicina chinesa, ópera chinesa, arte do chá, recorte de papel, arte de bordar, pintura chinesa incluindo caligrafia), entre outros.

Em virtude do clima temperado e húmido e da alternância de estações, as duas margens do rio Amarelo eram ideais para a plantação agrícola. Desta maneira, os antigos chineses começaram a fixar aí as suas residências. Daí em diante, as duas margens tornaram-se a origem da cultura chinesa. A criação de oráculos em ossos e a evolução dos caracteres chineses abriram a porta da cultura chinesa. A criação e o desenvolvimento do cultivo e das ferramentas de produção originaram a cultura agrícola inicial (por exemplo, a invenção e renovação das técnicas de irrigação e criação do sistema de calendário astronómico). A imigração das etnias fundiu e enriqueceu a cultura chinesa, por exemplo, com a entrada do budismo, da música, da dança e dos instrumentos musicais. Com o aparecimento de pensamentos variados surgiu também a cultura religiosa chinesa. confucionismo, taoísmo, legalismo, maoísmo, agricultura e escola dos nomes, entre outros. As mudanças da construção formaram a cultura arquitetural chinesa, por exemplo, a construção influenciada pelo estilo islâmico. As cozinhas de diferentes regiões das duas margens formaram a cultura gastronómica chinesa, por exemplo, os novos hábitos das tribos nómadas do norte da China. As pinturas murais, as estátuas e os diferentes estilos musicais formaram a arte chinesa, por exemplo, as Grutas de Mogao e as Grutas de Yungang⁶⁷, entre outras.

Todas as culturas mencionadas apareceram e foram desenvolvidas nas margens do rio Amarelo, sendo depois transmitidas aos quatro cantos da China e do mundo. Como a imagem da mãe que concebe o bebé, alimenta-o e cria-o, o rio Amarelo concebeu as culturas chinesas, absorveu e fundiu as culturas de outras etnias, desenvolveu-as e espalhou-as pelo mundo. O barco milenar da cultura chinesa partiu no rio Amarelo, como o filho saiu do útero da mãe e iniciou a sua vida individual.

⁶⁷ As Grutas de Yungang (云冈石窟, *yúngāng shíkū*) situam-se em Datong, na província de Shanxi, sendo um conjunto de 53 grutas e mais de 1200 nichos budistas, com mais de 51 mil estátuas de pedra que se espalham numa encosta de um quilómetro de extensão.

O rio Amarelo é uma importante imagem ou metáfora na poesia tradicional chinesa, em especial, nas poesias de *Li Bai* e *Du Fu*⁶⁸. A cultura do rio Amarelo tem inspirado escritores que criaram imensas obras contemporâneas, de entre as quais *O Mundo Ordinário*⁶⁹, *Qinqiang*⁷⁰ e outros quatro romances que motivam a atribuição do Prémio de Literatura *Mao Dun*⁷¹. Estes escritores e obras concentraram-se em terras e aldeias essenciais ao agricultor, que representa a maior percentagem da população chinesa. O agricultor, graças à educação recebida e à experiência de vida, formou um conceito da terra que suporta toda uma mundividência, a terra é o destino dos agricultores. O conceito da cultura agrícola tem influenciado, gradual e impercetivelmente, os chineses de várias gerações. Eles tratam a terra como a sua raiz, por isso, na consciência dos chineses, a terra equivale às imagens da mãe, raiz e terra natal. Sob a nutrição do rio Amarelo e do loesse, criaram um grande apego à aldeia e à terra, fazendo com que os olhos dos escritores nunca se apartassem da terra do loesse. Na dedicatória de *O Mundo Ordinário* regista-se: “O presente livro é dedicado à terra e ao tempo em que eu vivia.”⁷² O povo gravou na lápide de sepultura de *Lu Yao* “trabalhar como o boi e dedicar-se como a terra”⁷³. Os agricultores comuns dos romances, na realidade, eram os perfis dos pais e avôs dos autores, que pisavam na terra de loesse e bebiam o leite do rio Amarelo. Em qualquer caso, eles eram sempre indomáveis, firmes e incansáveis, andavam sempre em frente como o curso da água. De facto, este é o espírito da cultura do rio Amarelo, este é o espírito da mãe.

⁶⁸ Du Fu(杜甫,dùfǔ, 712-770) é considerado o maior poeta chinês ao lado de *Li Bai*, escrevendo uma poesia mais claramente filosófica que este.

⁶⁹ *O Mundo Ordinário*(平凡的世界, *píngfán de shijie*) é uma das obras do escritor *Lu Yao*(路遥).

⁷⁰ *Qinqiang*(秦腔, *qínqiāng*) é uma das obras do escritor *Jia Pingwa*(贾平凹).

⁷¹ O Prémio de Literatura de Mao Dun(茅盾文学奖, *máodùn wènxué jiǎ*) é um dos prémios literários mais prestigiado na China, concedido a cada quatro anos.

⁷² TDA: 谨以此书, 献给我生活过的土地和岁月。

⁷³ TDA: 像牛一样劳动, 像土地一样奉献。

CAPÍTULO II
A IMAGEM DA MÃE NA CULTURA
OCIDENTAL/PORTUGUESA

2.1 A MÃE NA MITOLOGIA OCIDENTAL — GAIA

Surpreendentemente, existem sempre algumas analogias nos pensamentos de povos de diferentes nações. Muito próxima da figura chinesa *Nü Wa*, surge no Ocidente a mãe-terra, ou Gaia na mitologia grega. Esta coincidência significa que a mitologia se baseou na realidade e nas crenças populares daquele tempo. Entendemos, portanto, que esta é uma ferramenta forte, útil e valiosa para compreender a maneira de viver e os pensamentos dos antepassados, e propomo-nos analisar a imagem da mãe ocidental de um ponto de vista mitológico.

Gaia é a deusa primordial na mitologia grega, representa a mãe-terra e a deusa-mãe que usufruía do respeito e da autoridade sobre os outros deuses. Como primeira deusa surgida no caos (vazio), ela gerou sozinha Urano (o Céu), Ponto (o Mar) e as Óreas (as Montanhas), gerando depois Nereu⁷⁴ e os doze titãs⁷⁵ com a ajuda de Ponto e Urano. Portanto, todos os deuses foram-lhe posteriores. Com o passar do tempo, Gaia e os filhos foram dominados por Urano, por consequência, o estatuto de Gaia diminuiu até conseguir que Cronos, o filho mais novo de ambos, derrotasse o usurpador da autoridade.

Este mito permite inferir várias informações.

Em primeiro lugar, Gaia criou os filhos sozinha, o que confirma a veneração à maternidade na sociedade matriarcal. Os conhecimentos acerca da reprodução eram limitados, os antigos pensavam que a procriação era um dom feminino, misterioso e sagrado, atribuindo particular importância à função reprodutora das mulheres. Desse modo, a mãe fruía a autoridade suprema, mais elevada do que em qualquer outro momento da história.

Segundo, aumentando o conhecimento acerca das funções reprodutoras, o povo adicionou ao mito o papel masculino na procriação: Gaia deu à luz os filhos de Urano. Repara-se, contudo, que Urano era também seu filho, fenómeno que parece indicar que o incesto era comum na altura, em virtude da falta do conhecimento científico. Os

⁷⁴ Nereu é um deus marinho primitivo, representado como um idoso, “o velho do mar”.

⁷⁵ Os dozes titãs: Oceano, Ceo, Crio, Hipérion, Jápeto, Teia, Reia, Témis, Mnemósine, Febe, Tétis e Cronos.

antigos sabiam que a cooperação entre homem e mulher era necessária para se gerar uma vida nova, esta cooperação servia para satisfazer a libido e assegurar descendência, já que ainda não se definira a divisão social do trabalho. Deu-se ênfase à função reprodutora e não ao papel e estatuto da mãe.

Em terceiro lugar, Gaia representa a deusa-terra e Urano representa o deus-céu. Os antigos viam a terra como a encarnação da mãe, porque a capacidade de procriação materna é semelhante à fertilidade de solo, com duas características básicas muito idênticas: concepção e criação. Por outro lado, a mãe localizava-se em baixo e o pai em cima, o que entenderemos como um simbolismo do que está acima é leve, claro, masculino e ativo, enquanto a Terra, abaixo, é pesada, escura, feminina e passiva.

Quarto, Urano venceu Gaia e obteve o poder soberano, transmitindo uma imagem de submissão da mulher e mãe. Por último, Gaia lutou contra Urano para proteger os restantes filhos, o que corresponde à imagem da mãe que arrisca a sua vida para garantir a segurança da prole.

Na alvorada da humanidade, a mulher usufruía de um estatuto elevado e enorme importância. No coração dos antepassados, o dom feminino de gerar vida era sagrado. A partir do momento em que o sexo masculino passou a reclamar a sua própria função reprodutora e a reconhecer as vantagens de contrariar as calamidades naturais e de obter alimentos, a mulher perdeu estatuto e poder. A sociedade humana entrava na época patriarcal.

A importância de Gaia reflete-se na etimologia da língua latina. Analisando o termo gaia (*geia*), podendo concluir que produziu o étimo geo-, gen-, ger-, entre outros, que contêm significados relacionados com “terra”, “geração”, “germe”. Outrossim, o termo gaia (*geia*) é étimo do léxico de “terra”, “geração” e “germe” nas línguas indo-europeias (Tabela 1).⁷⁶

⁷⁶ Cf. Meng, Dehong. 孟德宏, “Gaiz(盖亚)与女娲——漫议中、英文里的大地母神” (O discurso informal de “A deusa-mãe da terra na língua inglesa), em *English Salon*, , N.º 5, 2012, pp. 56-57.

Gen: geração	Geo: terra	Ger:germe
genital	geografia	germinar
progenitor	apogeu	gerar
progénie	geometria ⁷⁷	germe
gênese	geologia	germano
gene	geocêntrico	
genética	geotérmica	
endógeno		
exógeno		
engendrar		
primogénito		
gênero		

Tabela 1: Os derivados de *geia*

A deusa-mãe e mãe-terra Gaia trouxe fertilidade ao mundo, encarnando por isso a paz e a prosperidade. Aproveitando esta identidade, os antigos criaram léxico relacionado ainda que, de um ponto de vista etimológico, a criação deste léxico à base do étimo *gaia (geia)* se restringisse à vertente de terra e procriação. Assim, julgamos que, no início, o papel da mãe identificado e atribuído pela humanidade era a procriação, desconsiderando a sua função educativa, por exemplo. A nosso ver, existem dois motivos para isso. Primeiro, sob condições de vida árduas e incertas, a educação não era uma prioridade, embora a mãe desempenhasse aí um papel fundamental, em comparação com o pai ou qualquer outro membro da família. Em segundo lugar, as pessoas precisaram dominar competências para sobreviverem num meio-ambiente perigoso. Indubitavelmente, a função do pai era proeminente, pois usava as habilidades para obter comida e defender a família dos ataques. Estas capacidades masculinas secundarizavam o papel educativo da mãe: a procriação era a mais importante função da mãe para a família e para a sociedade.

⁷⁷ Geometria: No início, o termo era usado em relação ao ato de medir a terra.

A mãe como metáfora da terra não surgiu apenas nas ciências humanas, mas também nas ciências naturais. A hipótese Gaia formulada pelo químico britânico James Lovelock⁷⁸ no século XXI explica que, sob a interação da biosfera e dos componentes físicos, formula-se um sistema para manter as condições climáticas e biogeoquímicas preferivelmente em homeostasia, ou seja, que o planeta tem a capacidade de se autorregular.⁷⁹ O nome e a definição da hipótese confirmam a identidade de Gaia enquanto mãe-terra. A hipótese aborda a convivência harmoniosa entre a humanidade e esta mãe terrena.

Após a revolução industrial, a Terra tem sido muito maltratada por parte dos humanos, atitude que pode ter comparada à de alguns filhos em relação à mãe. Quando as crianças se tornam adultos, não raras vezes têm que cuidar da sua progenitora. Assim também a humanidade começa a prestar atenção à mãe-terra. A mãe está sempre em desvantagem: qualquer que seja a forma que os filhos a prejudiquem, a mãe perdoa-os sempre. O seu envelhecimento depende da piedade filial dos filhos, ou seja, embora a mãe ofereça amor incondicional, poderá porventura receber o desamparo dos filhos. O amor desigual entre mãe e filhos estende-se pelo mundo todo, sendo mesmo considerado lógico, já que o altruísmo e o perdão maternos são tomados como garantidos.

2.2 A MÃE NO CRISTIANISMO

Portugal situa-se no sudoeste da Europa, com decrescente influência da cultura islâmica do Médio Oriente e incontestável influência do cristianismo. Apesar de ser originário de uma terra estrangeira, o cristianismo foi recebido pelo povo e enraizou-se na cultura portuguesa. Apesar de Portugal absorver culturas coloniais que dialogaram com a cultura portuguesa, em resultado das explorações ultramarinas, o espírito interno da nação continuou a ser influenciado pela cultura comum da Europa, caracterizada por uma matriz cristã. Nos dias que correm, não se distingue se o cristianismo penetrou na cultura portuguesa ou se a cultura portuguesa se deixou influenciar pelo cristianismo, mas é dado certo que o cristianismo e a cultura

⁷⁸ James Lovelock (nasceu em 1919): é um pesquisador independente e ambientalista que vive na Inglaterra.

⁷⁹ Informações obtidas em http://nova-acropole.pt/a_deusa_mae_hipotese_gaia.html, consultado a 09/04/2017.

portuguesa são indissociáveis. O cristianismo possui uma grande quantidade de fiéis após cerca de dois milénios de história em Portugal. De acordo com os censos de 2015, os católicos representam cerca de 88,7% da população portuguesa.⁸⁰ A *Bíblia Sagrada*, livro maior do cristianismo, estabeleceu doutrinas e normas de ética que orientam os comportamentos e pensamentos da população portuguesa. Portanto, o cristianismo é um bom espelho da imagem da mãe em Portugal. Na presente secção analisar-se-á duas personagens femininas das Escrituras - Eva e Maria - para concluir sobre as suas características femininas e maternas.

2.2.1 EVA

A *Bíblia* é fruto de uma sociedade patriarcal. As personagens femininas são retratadas como marginais e amaldiçoadas, de forma a perpetuar o estatuto social masculino. Pode falar-se de um estado de “afasia” das mulheres nas Escrituras: estas ocupam apenas cerca de cinco por cento de todas as personagens bíblicas. A ancestral de toda a humanidade, Eva, também não tinha o direito de falar.

“O Senhor Deus disse: «Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar»⁸¹. Segundo este versículo, a criação de Eva teve como objetivo providenciar uma companhia a Adão, para que não se aborrecesse, e uma ajuda para cuidar do jardim do Éden, apontando uma hierarquia na família. “«Então, o Senhor Deus adormeceu profundamente o homem; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem.»⁸². Se Eva provinha de um osso de Adão, decerto seria sua inferior. Ou seja, o instante da criação de Eva desproveu-a de individualidade, fazendo dela um acessório que pertence e obedece ao homem, ao sublinhar o seu papel de auxiliar. Este detalhe é claramente resultado de uma sociedade patriarcal, onde o homem era considerado superior, sendo a mulher dependente dele.

⁸⁰ Informações obtidas em <http://www.papa2017.fatima.pt/pt/news/igreja-em-portugal2015-menos-catolicos-mas-percentagem-superior>, consultado a 20/05/2017

⁸¹ *Bíblia*, Génesis, 2:18, 1981

⁸² *Ibidem*, 2:21.

Posteriormente, Eva foi descrita como cobiçosa e degenerada, visto que não só foi persuadida pela serpente a comer o fruto proibido, como ainda seduziu Adão a fazê-lo, resultando na expulsão do Éden. A humanidade atribuiu as culpas a Eva, empurrando-a para o abismo do mal. Durante o julgamento divino, ela não se defendeu: “A mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi.»”⁸³ Já Adão defendeu-se com veemência, atribuindo a culpa à sua companheira: “«A mulher, que trouxeste para junto de mim, ofereceu-me o fruto e eu comi-o.»”⁸⁴ Nesta defesa, Eva não apresentou uma grande argumentação, mesmo que os factos não tenham sido bem apurados: é possível que Adão estivesse presente durante a sedução da serpente, tendo em conta o tratamento usado nos diálogos entre a serpente e Eva.

“A serpente disse à mulher: «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?» A mulher respondeu-lhe: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim, mas quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim...». A serpente retorquiu à mulher: «Não, não morrereis; mas Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal.»”⁸⁵

A serpente utiliza a terceira pessoa do plural “vocês” e Eva utiliza a primeira pessoa do plural “nós”. Neste contexto, tanto “vocês” como “nós” indicam Adão e Eva. Durante o processo de sedução, Adão manteve-se silencioso, o que pode ser entendido como uma atitude de aprovação tácita. No entanto, para controlar as mulheres, os padres cristãos consideraram Eva a principal culpada, proclamando a inocência de Adão. Portanto, o pecado original foi sendo ensinado de acordo com a vontade masculina. Quando os padres repreendiam Eva, apontavam a culpa às mulheres como um todo.

O estatuto de Eva representou, durante longos séculos, a realidade das mulheres, encaradas como a origem do mal e um obstáculo no caminho da redenção, visão que

⁸³ *Ibidem*, 3:13.

⁸⁴ *Ibidem*, 3:12.

⁸⁵ *Ibidem*, 3:1-5.

passou de geração em geração. Além de ser considerada como a raiz do pecado, a mulher simbolizava os prazeres carnis, com o clero a pregar a ideia de abstinência recorrendo a pinturas de Eva nua: ela era o símbolo da perversão e da sensualidade. Na Idade Média, o cristianismo enaltecia a virgindade das mulheres, usando a imagem de Eva (associada ao pecado e ao mal) como um forte instrumento em defesa da pureza. A proibição de qualquer tipo de prazer carnal era a base do espírito cristão, entendia-se que este corrompia a alma e impedia o povo de procurar Deus. A mulher era considerada obra do diabo, portanto qualquer mulher bonita ou atraente podia ser considerada bruxa, maltratada ou morta, através de afogamento ou imolação. As mulheres tornaram-se as maiores vítimas da época da abstinência. Se mantivessem uma relação sexual com um homem, eram amarradas e queimadas nas nádegas, ou amarradas a um cavalo para desfilarem despidas, enquanto os homens não recebiam estes castigos. Para evitar a traição feminina, inventou-se cinto de castidade, que as esposas eram obrigadas a usar durante a ausência do marido.

Com a aclamação da culpa de Eva, a cristandade destacava os defeitos das mulheres para estabelecer uma hierarquia de género: as mulheres eram retratadas como desprovidas de juízo, incapazes de resistirem à tentação e indignas de confiança. Aliás, o livro de Génesis passa a ideia de que Eva não era muito inteligente, que foi enganada pela serpente. Esta interligação entre mulher e estupidez foi facilmente inculcada, contribuindo para a crença na estupidez natural feminina. As próprias mulheres admitiam os seus defeitos desde o nascimento, como “filhas pecadoras de Eva”⁸⁶ que eram. Acrescia o facto das filhas pecadoras de Eva não terem oportunidade para se defenderem, já que careciam do direito de falar. Em virtude da cruel restrição imposta pela religião e pela própria sociedade, as mulheres sofriam discriminação e opressão em todos os aspetos da vida.

De acordo com a *Bíblia*, a humanidade não sabia distinguir o bem e o mal antes de comer o fruto proibido. “A mulher respondeu-lhe: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim, mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: «Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se fizerdes, morrereis».”⁸⁷

⁸⁶ S. Mota-Ribeiro. *Ser Eva e Dever Ser Maria: Paradigmas do Feminino no Cristianismo*. CECS, UMinho, Braga, 2000, p.12.

⁸⁷ *Bíblia*, Génesis, 3:2-3, 1981

Apesar do risco de morte, Eva comeu o fruto proibido resolutamente para obter sabedoria.

Para aprofundarmos o fenómeno da hierarquia de género na cultura ocidental, temos que procurar a sua origem. Os textos bíblicos e as exegeses cristãs oferecem a resposta, nomeadamente ao descreverem os traços de Eva. Desde logo a sua origem revela que o sexo feminino estava predestinado à inferioridade. Em segundo lugar, a mulher é a encarnação da degeneração e da malevolência, desde a Queda Original. Por último, analisando a cena do julgamento, podemos concluir que a mulher não tem o direito de falar, sendo remetida para um estado de “afasia”. Em síntese, o sexo feminino é rebaixado no cristianismo.

Mas existe outra personagem feminina da *Bíblia* que merece uma análise: Maria, a mãe de Jesus Cristo.

2.2.2 MARIA

Maria é a imagem materna clássica para a generalidade dos portugueses. As descrições de Nossa Senhora na *Bíblia Sagrada* estão sobretudo concentradas nos Evangelhos de S. Mateus e de S. Lucas. O Novo Testamento começa com o nascimento e infância de Jesus, onde Maria desempenha o papel de geradora e cuidadora, seguindo-se a fase de pregação, morte e ressurreição de Jesus, onde Maria surge para dar acompanhamento e consolação.

Maria isolou-se das mulheres comuns e tornou-se uma mulher abençoada porque possuía as virtudes de obediência a Deus e humildade, que correspondem às normas éticas do cristianismo. “Maria disse então: «Servirei o Senhor como ele quiser. Seja como tu dizes.»”⁸⁸. A resposta de Maria demonstra uma fé firme e a sua obediência, que lhe trouxeram a oportunidade de realizar a conceição imaculada. O seu destino mudou como Nossa Senhora e, neste sentido, a religião reconheceu o papel da mulher na educação.

⁸⁸ *Bíblia*, Lucas 1:38, 1993

Várias passagens destacam a honra suprema da sua gravidez: “e disse em voz alta: «Abençoada és tu mais do que todas as mulheres e abençoado é o filho que de ti há-de nascer.»”⁸⁹; “Quando Jesus acabou de dizer estas coisas, uma mulher da multidão levantou a voz e disse: «Feliz a mulher que te deu à luz e te amamentou.»”⁹⁰. Estas duas citações associam a honra de Maria ao nascimento de Jesus, ou seja, ao seu papel de mãe e à sua ligação com Deus.

Quando Jesus começou a pregar, Maria sempre o seguiu, até este ser pregado numa cruz. Como qualquer mãe comum, ela tomou conta do filho e, quando Jesus foi condenado à morte, acompanhou-o todo o caminho para o apoiar no seu sofrimento, dando um exemplo de carinho e cuidado maternos. No final, quando Jesus estava já na cruz moribundo, deixou um amparo à sua mãe: “e disse à sua mãe «Mulher, aí tens o teu filho.» Depois disse ao discípulo: «Aí tens a tua mãe.»”⁹¹ A atitude de Jesus em relação à sua mãe tem influenciado profundamente os cristãos. Em Portugal, é consensual que a mãe acompanhe os filhos desde que eles nascem, criando-os e educando-os, e que estes tomem conta da progenitora em idade adulta, numa lógica de reciprocidade. Contudo, no que diz respeito ao acompanhamento à mãe, não se dá tanta importância como na China.

O posicionamento do cristianismo em relação a Maria sublinha o seu papel de mãe e motiva o respeito dos cristãos. Por um lado, como mãe, Maria alimentou Jesus e partilhou os seus sofrimentos. Por outro lado, Maria possui virtudes como compaixão, bondade, humildade, perdão e obediência. As imagens de Maria nas igrejas recordam as pessoas destas suas características, da mesma forma que as pessoas penduram fotos dos pais na parede para se lembrarem deles. Enquanto instrumento religioso e prosélito, a imagem de Jesus está associada à salvação, enquanto a função de Maria é servir de modelo para todas as pessoas, sobretudo as mulheres.

⁸⁹ *Ibidem*, 1:42.

⁹⁰ *Ibidem*, 11:27.

⁹¹ *Bíblia*, João, 19:26-27, 1993.

A evolução do papel de Maria não se limitou ao domínio da teologia. No início do cristianismo, não se dava ênfase à mãe de Cristo. Após a Primeira Guerra Mundial, reconheceu-se a sua identidade feminina, e o mundo redefiniu o seu estatuto. Desta forma, Maria, sob a forma de Nossa Senhora, cresceu em reconhecimento e respeito popular, não só entre os crentes, mas também na sociedade em geral.

Além da *Bíblia*, muitas obras de arte com o tema mariano refletem a atitude dos portugueses em relação à mãe, a arte foi usada para expressar intuitivamente as características de Maria. De uma perspectiva temática, estas obras encaixam numa das seguintes categorias: “gravidez”, “procriação”, “aleitamento”, “alimentação” e “*pietà*”. As obras focam-se sobretudo nestas cenas, significando que estas são funções maternas básicas no coração dos portugueses. A imagem de Maria definida pelo catolicismo é sagrada, portanto a arte representa-a, invariavelmente, com expressões faciais serenas e cheias de fé, orientando a mãe portuguesa para um comportamento simpático, humilde e não ambicioso.

Analisando esta imagética artística identifica-se algumas características que, por extensão, devem ser as características da mãe portuguesa: cuidadora (por exemplo, alimentação), proteção, perdão, acompanhamento. Maria é como a mãe que abriga, protege e alivia os filhos, quando estes têm que enfrentar a ignorância, a exploração e a guerra. Durante o longo período histórico que abarcou os Descobrimentos e as guerras coloniais, a mãe permaneceu como o apoio espiritual dos filhos.

Eva e Maria - duas imagens clássicas na *Bíblia Sagrada* – contribuíram grandemente para uma rica e complexa conotação cultural da mãe na religião e na sociedade. Há uma mudança da visão negativa da mulher para a afirmação positiva da mãe, refletindo a humildade feminina e a estima materna. Eva, enquanto primeira ancestral humana, é marcada pelo episódio da sedução, sendo alvo de críticas e repreensões, a ponto de ser considerada a única culpada do pecado original. Pelo contrário, Maria ganhou honra e glória como “Nossa Senhora”, recebeu o abrigo de Deus e dos anjos, motivou muitos sermões e poemas de louvor.

O contraste entre as duas tem origem no desafio de Eva a Deus, representante da autoridade masculina, enquanto Maria é protetora do patriarcado. Por isso, as duas figuras aparecem com características opostas - a imagem de Maria é positiva (simpática e amorosa), enquanto a de Eva é negativa (degenerada e cobiçosa). Apesar de, em Portugal, os jovens hoje em dia não seguirem os preceitos religiosos, o catolicismo continua presente, enquanto matriz cultural. Portanto, a atitude popular portuguesa em relação à mãe é influenciada diretamente pelo catolicismo.

2.3 EXTENSÃO DO CONCEITO DE MÃE NA CULTURA PORTUGUESA

Em harmonia com a experiência quotidiana, os antepassados atribuíram símbolos vívidos e específicos a coisas vulgares e importantes da sua vida, associando-lhes características comuns. Por exemplo, em virtude da lenda do Galo de Barcelos, o galo simboliza a justiça; enquanto a cor vermelha é prontamente associada ao Benfica pelos fãs de futebol. Este tipo de consenso baseia-se no fundo cultural comum da nação. Em Portugal, e com base neste consenso, o termo “mãe” é um sinal cultural com numerosas informações do qual derivou símbolos como mãe-galinha, chifre e lua. A análise destes três símbolos permitirá inferir outras características da mãe.

2.3.1 A MÃE-GALINHA NA CULTURA PORTUGUESA

A galinha é um elemento abundante na cultura tradicional portuguesa. Numa perspetiva de género, a imagem da galinha é desvalorizada, mas assume bastante valor num contexto maternal. A partir deste símbolo, a presente secção foca as visões da identidade sexual e materna e explora a imagem da mãe no património folclórico coletivo.

Os provérbios baseiam-se no senso comum de um determinado meio cultural, consentido e aceitável, repetido continuamente, passado de geração em geração. Os provérbios que sobreviveram até hoje correspondiam, indubitavelmente, à cultura e ao pensamento coletivo dos contextos em que surgiram, ou seja, satisfaziam os interesses

do grupo dominante. Assim sendo, pode-se identificar as avaliações e os critérios da sociedade em relação a todas as coisas, através da análise dos provérbios.

Para confrontar a humildade da mulher e a dignidade da mãe, articular-se-á as identidades feminina e maternal.

Na literatura portuguesa, tradicional ou infantojuvenil, encontra-se relações inextricáveis entre a galinha e a mulher, a maioria associando as seguintes palavras-chaves: Mulher-galinha-cacarejo-estupidez. Podemos concluir da mesma maneira: Homem-galo-virilidade-dominação. A interligação demonstrada acima atribui, aparentemente, a superioridade ao homem. Muitos provérbios portugueses que circulam até hoje confirmam esta opinião.

“Onde canta galo, não canta galinha.”⁹²

“Entrar cantando de galo e sair cantando de galinha.”⁹³

De forma homóloga à galinha que simula ser um galo, a mulher procura imitar o homem. O facto de a galinha recuar automaticamente ao ver o galo, transmite a autoridade do sexo masculino. Por outro lado, o cantar simboliza o poder do galo, enquanto a galinha pretende usurpá-lo. O sexo masculino receava e não tolerava quaisquer tentativas de usurpação do seu poder, portanto surgiram provérbios para “matar” esses pensamentos femininos:

“Mulher que assobia e galinha que canta, faça na garganta.”⁹⁴

O canto ou assobio simboliza o poder do macho, intocável para a mulher sob pena de ameaça. O objetivo era sublinhar que a mulher tinha de viver sob o controlo do homem, esmagando qualquer espírito rebelde. Um outro provérbio reflete sobre a distinção dos papéis sociais dos dois sexos:

⁹² Ana Paula Guimarães, “*A Outra Face de Maria Campona*”, em *Faces de Eva*, N.º 6, 2001, pp. 41-63, p. 43

⁹³ Salvador Parente, *O Livro dos Provérbios*, Lisboa, Ancora, 2005, p. 253

⁹⁴ José Pedro Machado, *O Grande Livro dos Provérbios*. Lisboa, Editorial Notícias, 1996, p.308

“Galo à janela, galinha à porta.”⁹⁵

Para desvalorizar o sexo feminino, faz-se uma equivalência aos bichos interesseiros, num provérbio que remete o estatuto da mulher para o limite da inferioridade.

“Mulher e galinha são bichos interesseiros: a galinha por milho, a mulher por dinheiro.”⁹⁶

Deste provérbio, reparamos que o estatuto da mulher no coração do povo chegava ao limite da inferioridade.

No senso comum, o sexo feminino está ligado ao mexerico, ao fingimento, à leviandade e à superficialidade. Obtém-se um vislumbre disso, se nos concentrarmos na evolução do termo “comadre”. A formação dos termos “comadre” e “compadre” é a mesma: compadre e comadre. Mas porquê que a palavra “comadre” abrange o significado de mulher bisbilhoteira, enquanto na palavra “compadre” não? No início, “comadre” significava apenas a madrinha em relação aos pais do afilhado, assim como a mãe deste em relação aos seus padrinhos. Ora, com o tempo, o batismo tornou-se um momento de frivolidade e, neste contexto, o termo “comadre” passou a indicar também um tipo de pessoa mexeriqueira, especialmente a mulher que se dedica à “conversa fiada”. Assim, o termo tem o sentido figurado de mulher mexeriqueira.

Nas aldeias, as mulheres são conhecidas por falarem da vida dos outros. Costuma dizer-se “zangam-se as comadres, descobrem-se as verdades.” Ou seja, elas falam de tudo, contam segredos delas e dos outros... Quando se zangam vão contar

⁹⁵ Ana Paula Guimarães, “*A Outra Face de Maria Campona*”, em *Faces de Eva*, N.º 6, 2001, pp. 41-63, p. 52

⁹⁶ Salvador Parente, *O Livro dos Provérbios*, Lisboa, Ancora, 2005, p. 362

esses segredos a terceiros. Muitos escritores adaptaram isto à sua literatura, sendo vulgar cenas explosivas em que as mulheres magoam outros ou a si próprias, por vezes terminando com a morte das duas. Portanto, as pessoas consideravam que as mulheres falavam excessivamente e mal:

“Mentem com habilidade, trocam maledicência, discutem continuamente, são insistentes e lamurientas, nunca param de tagarelar.”⁹⁷

Em virtude do terrível poder argumentativo de certas mulheres, surgiram algumas profissões especiais só desempenhadas pelo sexo feminino, como a bruxa, a alcoviteira, entre outras. Neste sentido, a literatura pastoral exorta:

“É a oração que deve encher a boca e o coração das mulheres.”⁹⁸

As mulheres eram vistas como propriedade privada dos homens, que as controlavam, evitando perdê-las de vista. Por exemplo, não era permitido às mulheres viajarem sem autorização do marido. Se elas ultrapassassem os limites, seriam penalizadas:

“A mulher e a galinha só até à casa da vizinha.”⁹⁹

“Quando a galinha põe fora de casa, morde-se-lhe a crista.”¹⁰⁰

O provérbio “galinha de campo não quer capoeira” revela a atitude de rejeição social de toda a mulher que pretendesse realizar-se fora de casa, já que o lar era entendido como o seu lugar.

⁹⁷ Carla Casagrande, “A mulher sob custódia”, *História das Mulheres*, Lisboa, Círculo, 1993, p.133

⁹⁸ *Idem*, *Ibidem*, p. 138

⁹⁹ Ana Paula Guimarães, “A Outra Face de Maria Campona”, em *Faces de Eva*, N.º 6, 2001, pp. 41-63, p. 54

¹⁰⁰ Consiglieri Pedroso, *Tradições Populares Portuguesas*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1984, p.271.

A galinha é um atributo da estupidez para as mulheres (visão de género), revestindo-se de uma conotação positiva quando associado ao papel da mãe. Para além de chocar os próprios ovos, a mãe-galinha também choca e adota os ovos alheios já que possui, inerentemente, as virtudes da paixão e da misericórdia. Ou seja, a mesma mulher é avaliada de forma oposta, consoante o papel que desempenha no momento e de acordo com os estereótipos sociais.

A eclosão do ovo é consequência do calor do corpo durante 24 horas, todos os dias, razão pela qual a mãe-galinha possui um coração especial, que sabe escutar. Os pintos saem dos ovos graças ao calor da mãe-galinha, todavia, este calor apenas aquece a casca, não consegue penetrar dentro do ovo. A mãe-galinha escuta a evolução da vida com o coração, conectando-se ao ovo. Na nossa vida quotidiana, muitas vezes inclinamos a cabeça numa atitude de escuta, assim como nos nove meses de gravidez mais que nutrir o feto, a mãe comunica com o coração. Trata-se de uma ligação sentimental entre mãe e filho.

Deus penaliza as mulheres com o sofrimento da dor do parto, contudo, elas obtêm a felicidade da criação. “Parir é dor, criar é amor”¹⁰¹. Este amor é exclusivo da mãe, a natureza maternal não pode ser substituída por outra pessoa. Assim, uma mãe-galinha é considerada protetora, vigilante, responsável pelos filhos.

“Pé de galinha não mata pinto.”¹⁰²

“A galinha é que cobre os pintos.”¹⁰³

“A galinha onde tem os olhos tem os ovos.”¹⁰⁴

“Aldeã é a galinha e vai à mesa da rainha.”¹⁰⁵

“Quem tem meninos pequenos

¹⁰¹ Salvador Parente, *O Livro dos Provérbios*, Lisboa, Ancora, 2005, p. 519

¹⁰² *Idem, Ibidem*, p. 521

¹⁰³ Ana Paula Guimarães, “A Outra Face de Maria Campona”, em *Faces de Eva*, N.º 6, 2001, pp. 41-63, p. 59

¹⁰⁴ Salvador Parente, *O Livro dos Provérbios*, Lisboa, Ancora, 2005, p. 28

¹⁰⁵ José Pedro Machado, *O Grande Livro dos Provérbios*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996, p. 67

Alivia a criação

De dia tem-nos nos braços

À noite no coração.»¹⁰⁶

2.3.2 CHIFRE E LUA NA CULTURA PORTUGUESA

Os testemunhos arqueológicos, etimológicos e mitológicos da Europa Antiga são reveladores de diferentes culturas. As pinturas e estatuetas encontradas em cavernas não só revelavam a cultura da caça e funerária, mas também forneciam informações sobre os órgãos genitais femininos e procriação, provas científicas bastante convincentes que apontam a existência de um culto à mãe nas épocas do Paleolítico e do Neolítico. Os indícios arqueológicos indicam que a mãe era a propulsora da civilização europeia e, por isso, desempenhava importantes funções como a procriação e a criação dos filhos.

Foi descoberta uma grande quantidade de estatuetas que representam a mulher despida ou o processo do nascimento. Alguns investigadores consideram que estas iconografias revelam padrões de beleza, outros consideram-nas objetos eróticos da época. Existe uma opinião generalizada de que a mulher concebia de forma independente, sem acompanhante masculino. No presente trabalho toma-se a Vénus de Laussel (arte paleolítica, Ilustração 5) como referência, para identificar as características da mulher e mãe da época.

¹⁰⁶ Versão minhota de uma canção de embalar

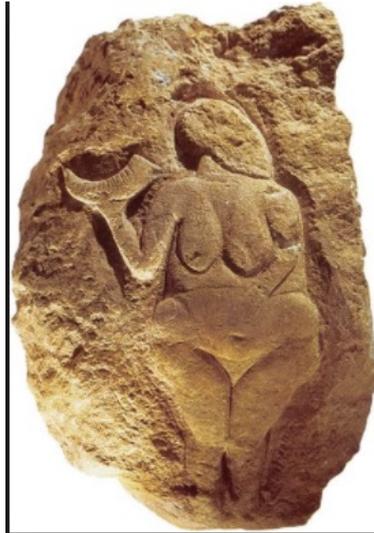


Ilustração 5: Vénus de Laussel

Esta estatueta, como muitas outras, apresenta seios ovais pendentes, nádegas volumosas e ventre pronunciado, destacando-se a particularidade de suster, com a mão direita, um chifre de bisonte manchado com ocre vermelho. O chifre simboliza força, poder e supremacia, já que se trata de uma arma para os animais. Na *Bíblia*, o corno representa a força de Deus.

Na sociedade matriarcal, quem possuía capacidade de procriação, possuía poder: o chifre estava assim ligado à fertilidade. No entanto, o seu simbolismo sofreu mudanças com a entrada na sociedade patriarcal.

O segundo atributo ou simbolismo está presente na deusa da fertilidade, onde se podem observar treze entalhes esculpidos no chifre, por alusão à passagem dos meses lunares, já que o próprio chifre possui a forma da lua crescente. O 14º dia do mês lunar coincide com a lua cheia e marca o início da ovulação, significando que a mulher pode engravidar nesse dia. Através da observação das fases da lua e do crescimento sazonal das plantas, as mulheres conectavam o ritmo interno do seu próprio corpo ao ritmo externo, menstruando regularmente. O ciclo lunar, em sintonia com o ciclo menstrual, representa também o ciclo da vida: o nascimento contém sempre a semente da morte, assim como a lua nova caminha até à lua minguante; já o ciclo da lua minguante até à lua nova representa o começo de uma nova vida. Em

suma, a morte é seguida de renascimento. A lua simboliza a mãe que segue o ritmo lunar.

Na antiguidade, o homem de Neandertal e de Cro-magnon era coberto com ocre vermelho antes de ser enterrado. O começo da vida é sangrento, portanto os antigos atribuíram a cor vermelha à morte, possivelmente na crença de que cobrindo os mortos com ocre vermelho, eles poderiam ressuscitar. Esta é a razão por que a Vénus paleolítica segura na mão o chifre manchado de vermelho. O sangue e o ocre vermelho simbolizam o ciclo da vida e da morte. A mãe perde o próprio sangue quando dá à luz, portanto, aos olhos dos humanos primitivos, o sangue da menstruação e do parto é sagrado, significado especial que levou o termo “sangue” a representar a mulher, uma vez que se acreditava que a procriação era feita exclusivamente por ela. O culto da procriação fez com que o povo se apegasse firmemente à deusa-mãe.

O chifre representa poder e fertilidade, remetendo para os estatutos e funções sociais da sociedade matriarcal. A forma do chifre assemelha-se à lua nova, aliás, o ciclo lunar é idêntico ao ciclo menstrual das mulheres. Deste modo, a lua é atributo da mãe que é fonte da vida. O ocre vermelho representa o sangue, por sua vez, o sangue simboliza a mulher. De forma concomitante, o sangue é sagrado, por isso o estatuto e a imagem da mãe são sagrados.

2.4 A IMAGEM DA MÃE NO MANUAL PORTUGUÊS DA DÉCADA DE TRINTA À DÉCADA DE NOVENTA DO SÉCULO XX

O manual é a principal fonte de informações, e a de maior autoridade, quando as crianças começam a receber educação formal. Os seus conteúdos são diferenciados, escolhidos por especialistas, por forma a explicar algumas teorias ou fenómenos de forma precisa e científica. A sequência antológica do manual lançará alguma luz sobre a evolução da imagem da mãe portuguesa.

Os manuais portugueses da terceira à nona classe, desde a década de trinta até à década de noventa do século XX, apresentavam as figuras femininas em três papéis: filha, esposa e mãe.

Surgem duas imagens de filha na seleta literária. A primeira personagem é vítima da família e da vida; a segunda é orgulhosa e hipócrita. Nota-se que o amor paterno é a maior fonte de felicidade da filha, por causa das disputas com a mãe, numa conceção edipiana que liga o filho à mãe e a filha ao pai. As expressões comuns “filhinho da mamã” e “menina do papá” talvez tenham uma conotação de inferioridade da filha, como analisaremos adiante.

A imagem da esposa reveste-se de características vulneráveis. O preconceito da sociedade restringiu-a à família, pelo que “lar” e “fogo” eram sinónimos da mulher naquela época. No manual, a esposa é submissa e resignada ao marido, possivelmente refletindo a incapacidade de se sustentar. Desta forma, o marido era o seu porto de refúgio, a sua árvore de descanso e de dependência. Para agradar ao marido, a mulher tinha que obedecer às suas ordens, dedicando-se de corpo e alma ao trabalho doméstico: cozinhar, limpar, tecer, etc. Os poucos empregos femininos remunerados - quitandeira, agricultora, varina, comerciante de bebidas ilegais, prostituta, bailarina, etc. - ora exigiam uma força física masculinizada, ora eram desonrosos e humildes.

De uma maneira geral, na sequência de manuais associa-se à imagem da mãe a ternura, proteção, generosidade e religiosidade. Porém, as atitudes em relação ao filho e à filha divergem. O trato dado ao filho era carinhoso e afetuoso, enquanto a relação com a filha era apresentada de uma forma negativa, mesmo violenta e cruel. Ou seja, a mãe tinha orgulho no filho e maltratava a filha. Analisando as seletas portuguesas, a cultura e a história de Portugal, levantam-se algumas razões para tal. Em primeiro lugar, os filhos perpetuavam o nome da família, enquanto as mulheres adotavam com o nome do marido após o casamento. Neste sentido, o filho era herdeiro real e a filha era no futuro o membro de outra família. Para além disso, a herança da família ia para o filho ou para o genro, porque se considerava que o homem tinha mais capacidade para governar as finanças familiares. Se a mulher tivesse um emprego, a sua remuneração era igualmente entregue ao marido. A terceira causa prende-se com o

facto de o filho ser uma força de trabalho indispensável à família, sobretudo num contexto agrícola. Maior força de trabalho significava alimentos suficientes. Acrescente-se ainda que, durante o Estado Novo, as mães teriam, porventura, mais afeto pelos filhos homens, que eram enviados para a guerra colonial e, por isso, lhes inspiravam maior cuidado e saudade. Na maioria das vezes, era com o dinheiro que os filhos enviavam que as famílias conseguiam sobreviver. Por último, as filhas tinham a obrigação de se tornarem boas donas de casa, pelo que as mães as iniciavam de forma rigorosa nos labores domésticos. Deviam ter todas as qualidades necessárias para arranjar um bom marido e honrarem de casa dos pais. Por isso, as mães eram mais rígidas e cruéis com elas para as disciplinar.

Quando a mulher entrava numa nova família eram-lhe atribuídos vários papéis: esposa, nora e mãe. A sociedade preconceituosa e a própria família estabeleciam-lhe as regras de sobrevivência, lançavam-lhe exigências severas. Só se elas obedecessem a estas regras, seriam aprovadas e bem-recebidas. Elas tinham que agradar, sofrendo privações e suportando também a pressão associada à convivência com os novos membros da família.

Como esposa, a relação com o marido implicava um servidor e um servido, uma vítima e um opressor. Além disso, a mulher arriscava-se a um grande sofrimento físico e mental motivado pela traição ou morte do marido. Na ausência do marido, a mulher tinha que sustentar a família sozinha, assumindo, em casos extremos, atividades ilegais para garantir as necessidades básicas dos filhos. Naquele tempo, não era aceitável que a viúva voltasse a casar, um novo casamento não só seria vergonhoso como também era punido pela Igreja. Portanto, por um lado, faltava força de trabalho em casa, por outro lado, faltava o prazer sexual, resultando de uma extrema solidão física e mental para a mulher.

Como nora, desempenhava um papel de filha já que, naquele tempo, muitos casais viviam com os pais do marido. Ao entrar numa nova família, com quem não tinha qualquer relação de sangue ou hábitos comuns, a identidade da mulher era estranha à família. A sogra criava obstáculos para realçar a sua autoridade ou para

impedir que a nora monopolizasse o amor do filho – estes eram os dois principais antagonismos entre sogra e nora.

Para a mãe, os filhos eram o centro da sua vida, enquanto únicos seres com quem tinha uma relação de sangue no seu lar. Cada ação dos filhos afetava a mãe, que se lhes dedicava completamente. A vida dos filhos era mais importante e preciosa do que a sua própria vida. A mãe era guardiã dos filhos, considerando-os como a sua propriedade privada. Por isso, não é difícil compreender que a sogra não gostasse de partilhar o amor do filho com a nora.

A análise dos manuais permite concluir também que o sexo feminino, aparentemente, tem várias identidades na família, formando porém uma espécie de não-identidade, ou seja, uma identidade alheia. Face ao preconceito social, à ausência de estatuto, à autoridade do marido e ao destino dos filhos, as mulheres perderam ou abandonaram as suas próprias identidades. As figuras maternas que constam da seleta portuguesa eram sofredoras por duas ordens de razão: a relação desigual no seio do casal; e a relação de mãe-galinha com o filho. De facto, a família é o sol da mãe, à volta da qual gira a sua vida.

CAPÍTULO III
UMA TENTATIVA DE COMPARAÇÃO INTERCULTURAL E
REFLEXÕES

3.1 COMPARAÇÃO DA IMAGEM DA MÃE INTERCULTURAL

Nos dois capítulos anteriores, analisou-se, longitudinal e separadamente, a imagem e o estatuto da mãe chinesa e portuguesa e a sua evolução desde o matriarcado ao patriarcado. Propomo-nos agora comparar transversalmente o estatuto e a visão social da mãe nos dois países, apontando semelhanças e diferenças de um ponto de vista linguístico, económico, natural, cultural, histórico e psicológico.

Sob uma perspetiva linguística, os idiomas chinês e português pertencem a dois sistemas completamente diferentes: o primeiro integra as línguas sino-tibetanas, pertencendo o segundo à família de línguas indo-europeias. Um usa caracteres pictográficos e ideográficos e, o outro, palavras fonográficas. As origens, formação de palavras e evolução dos dois idiomas também divergem completamente. Apesar desta distância, as respetivas evoluções linguísticas permitem mergulhar nas culturas nacionais, portuguesa e chinesa. A criação de léxico foi influenciada pelo ambiente de então, refletindo, sem dúvida, os pensamentos coletivos, costumes sociais, hábitos populares, gostos estéticos, etc. Portanto, investigar a fonte e a evolução das palavras é uma forma eficaz e confiável de estudar a cultura de uma nação.

Como mencionado anteriormente, os caracteres chineses têm funções de “imitação da forma”, isto é, apontam ideias através de uma forma simbólica. Por isso, observando os caracteres originais de mulher e mãe (女 e 母), rapidamente percebemos as imagens destas. Com a evolução dos caracteres, formou-se um grande número de caracteres chineses com étimo 女, com base no conhecimento e imagem geral da mulher. Os caracteres com raiz 女 que têm significados positivos focam, regra geral, a beleza física. Deste modo, concluímos que os elogios à mulher estavam sobretudo associados à sua aparência. Por exemplo, a obra *Explicação Etimológica dos Caracteres* indica que 婉 (wǎn) significa obediente, enquanto a *Anotação em Explicação Etimológica dos Caracteres*¹⁰⁷ lhe atribuiu o significado de “beleza das sobrancelhas e dos olhos”. Outro exemplo, na *Anotação em Explicação Etimológica dos Caracteres* diz-se que 佼 (jiāo) traduz a beleza de um corpo forte. Porém, hoje em

¹⁰⁷ *Anotação em Explicação Etimológica dos Caracteres*, (说文解字注, *shuōwénjiězìzhù*), foi a obra-prima de Duan Yucai que foi estudioso renomado da Dinastia Qing.

dia, este carácter significa simplesmente “bonita”. Existem outros caracteres específicos que descrevem a beleza das diferentes partes do corpo - do rosto, da cintura, que elogiam a estatura, etc. – e que refletem o padrão de beleza de então.

Além disso, alguns caracteres confirmavam e elogiavam o comportamento e a moralidade da mulher. Por exemplo, 婧 (*jìng*) indica uma mulher habilidosa e 媪 (*wǎn*) significa alguém de boa moral. Esta série dos caracteres revela uma mudança da percepção em relação às características femininas, passando de uma mera valorização da aparência, para uma avaliação mais racional, baseada no seu comportamento e na sua moralidade.

Por outro lado, criou-se uma grande quantidade de caracteres com raiz mulher com significados depreciativos, baseados em características femininas. Por exemplo, na obra *Explicação Etimológica dos Caracteres* 嫜 (*pín*) significa obediência, 妒 (*hài*) significa inveja, 佞 (*nìng*) significa bajulação, 妨 (*fáng*) significa prejudicar. Estes caracteres refletem o preconceito e o desprezo profundo que a sociedade feudal chinesa nutria em relação ao sexo feminino. Outros assuntos vergonhosos estão ligados à mulher por esta via linguística, por exemplo, 嫪 (*yín*) significa luxúria, 奸 (*jiān*) remete para culpa de adultério e 姦 (*jiān*) significa adultério em chinês antigo.¹⁰⁸ Estes caracteres negam o carácter moral das mulheres. Repare-se que, com o passar do tempo, o estatuto feminino piorou, a mudança do elogio para o desprezo no pensamento coletivo terá sido reflexo de uma mudança ideológica. Em síntese, o étimo mulher espelha conteúdos culturais, costumes, ética familiar e ideologia, sendo um instrumento importante para estudar a cultura chinesa no que à mulher diz respeito.

A formação de caracteres com a raiz mulher e a sua evolução revelam a humildade do sexo feminino. Quando desempenha o papel da mãe (recorde-se o caractere “母” já analisado no capítulo I), a sua imagem e função é alimentar e tomar conta dos filhos, revelando a subordinação da mãe na família sobretudo por contraponto com o carácter pai (父, *fù*), que segura o bastão.

¹⁰⁸ GOU, Xinhua 缙新华, “《说文解字》“女”部字所反映的古代文化”, em *Journal of Shijiazhuang University* n.º 5, 2003.

Uma vez que a língua portuguesa usa um sistema de escrita alfabética, não permite analisar as informações culturais escondidas nas palavras, tal como acontece com os caracteres chineses. Todavia, a formação das línguas indo-europeias é igualmente peculiar na medida em que as palavras usadas hoje em dia derivam de étimos. Neste contexto, pode-se remontar ao étimo para encontrar a ideologia e fundo cultural subjacentes.

No Capítulo II apresentou-se as categorias lexicais relacionadas com “terra”, “geração”, “germe”, que derivaram do étimo gaia (*geia*). No mito ocidental, Gaia é a deusa-mãe que encerra uma imagem maternal. Sendo assim, do étimo gaia derivou uma série de palavras que possibilita conhecer a imagem da mãe aos olhos dos povos daquele tempo.

No que diz respeito ao termo “mãe”, tem origem em “matrem”, caso acusativo do latim *mater*, pronunciado “madre” no português dos primeiros séculos, de onde veio comadre, pela formação *cum matre*, com a mãe.¹⁰⁹ Aliás, já se fez referência à etimologia do termo “comadre” na secção 2.3.1. A forma latina *mamma* (seio) e *mammare* (mamar) revelam uma possível influência na sílaba inicial da palavra que designa a mãe no português. Isto resulta numa coincidência surpreendente com a diferença entre os caracteres “母” (mãe) e “女” (mulher), sendo que 母 tem mais dois pontos representando os seios. Em suma, os povos antigos, orientais e ocidentais, partilhavam a ideia de que a primeira função da mãe era alimentar os filhos.

Voltemos ao termo *mater*. *Alma mater* é uma expressão de origem latina que, do ponto de vista etimológico, significa “a mãe que alimenta” ou “a mãe que nutre”. Hoje em dia, é usado como referência às instituições de ensino que formam intelectualmente os seus alunos, como sejam as universidades. Durante o cristianismo medieval, *alma mater* também era utilizada como uma expressão de reverência à Virgem Maria, mãe de Jesus. Os poetas romanos e demais povos que tinham o latim

¹⁰⁹ Informações obtidas em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/mae/>, consultado a 1/7/2017.

como sua língua materna usavam esta expressão como sinónimo de “minha pátria”, pois esta seria a responsável por abrigar, defender e nutrir os seus cidadãos.¹¹⁰

A língua nativa é referida da mesma maneira pelos dois países: “língua materna” em português e 母语 (*mǔyǔ*)¹¹¹ em chinês. A expressão “língua materna”, ou 母语 provém do costume ancestral das mães educarem os seus filhos na primeira infância, fazendo com que a língua da mãe fosse a primeira a ser assimilada pela criança, condicionando o seu aparelho fonético àquele sistema linguístico. A expressão revela que os povos dos dois países consideram que o papel da mãe na educação da primeira infância é insubstituível.

No que diz respeito à formação do termo “pátria”, reflete a tradição de superioridade masculina (pai). No entanto, como os chineses, a maioria dos portugueses considera a pátria como a mãe que abriga, defende e nutre o povo.

Do ponto de vista histórico, os dois países passaram por processos históricos diferentes, formando pois culturas distintas, já que ficam em extremos opostos do mundo, onde se professam religiões diversas.

A civilização agrícola definiu as características da cultura chinesa; as formas de habitação do clã e a agricultura intensiva deram origem a um pensamento autossuficiente e diferenciado, influenciado pela convivência rural. *Lei Zu* orientou as mulheres para a criação dos bichos de seda, ensinando-as a tecer, por isso a imagem que a mãe chinesa produz é de diligência e habilidade doméstica. À semelhança das deusas nos mitos ocidentais, as mulheres portuguesas também são corajosas e guerreiras. O povo português comunicou muito com o exterior, alargando horizontes que influenciaram a evolução do pensamento coletivo. Tudo isso contribuiu para enriquecer a cultura portuguesa. Desta forma, a personagem da mãe portuguesa era mais inflexível. Tudo isto enforma a cultura psicológica oriental e ocidental: a mãe chinesa é firme e trabalhadora, a mãe portuguesa é inflexível e complicada.

¹¹⁰ Informações obtidas em <https://www.significados.com.br/alma-mater/>, consultado a 1/7/2017.

¹¹¹ 母(*mǔ*): mãe. 语(*yǔ*): língua.

A tendência para o culto à maternidade implicada no mito chinês é mais intensa do que a ocidental/portuguesa. A imagem da deusa chinesa *Nü Wa* é perfeita, sem defeito algum, enquanto a figura ocidental Gaia é mais verdadeira, capaz de expressar várias emoções humanas. Com o despertar do patriarcado, o poder social foi assumido pelo sexo masculino e o culto à maternidade registou um declínio.

Tanto na China como em Portugal o estatuto da mulher aumenta quando esta se torna mãe. Isto deve-se, em grande parte, ao confucionismo na China e ao conceito do pecado original no Ocidente. A ética do confucionismo levou à perda de posição da mulher na história chinesa. Se por um lado as virtudes exigidas à mulher pelo confucionismo a obrigaram a recuar a uma posição de subordinação e marginalização, por outro, a piedade filial elevou o estatuto da mãe. O pecado original, enquanto base do cristianismo, definiu Eva como a principal culpada da degeneração humana: ao nascer, o ser humano já carrega culpa por causa dela. Já Maria cobriu-se de honra devido à obediência e virtude. Desta maneira, o cristianismo ampliou a beleza da maternidade. O fenómeno contraditório de desprezar a mulher e respeitar a mãe é coincidente nos dois países. A antítese que as éticas do confucionismo e do cristianismo refletem no sexo feminino tornou a situação da mulher/mãe complexa e especial.

Embora as duas culturas desprezassem a mulher e respeitassem a mãe, o contraste entre desprezo e respeito na China é mais gritante do que em Portugal. Influenciada pelo preconceito de apenas um filho do sexo masculino perpetuar o nome da família, a mulher estava em desvantagem desde o nascimento. Apenas a mãe capaz de conceber um filho homem ocupava um lugar importante na sociedade e na família. De facto, o respeito à mãe chinesa resume-se ao respeito à mãe de um filho. No que respeita à mãe portuguesa, o sexo do filho não influenciava o seu estatuto, já que não se fazia grande distinção de tratamento do filho ou da filha. Apesar de se mencionar que a mãe portuguesa do século XX tratava com alguma desigualdade o filho e a filha (capítulo II), refira-se que se tratava de um período histórico especial em que o filho tinha que se afastar da pátria para combater. Em comparação com a discriminação chinesa em relação ao sexo dos filhos, a situação portuguesa era mais subtil.

O contexto da obra *Peito Grande, Ancas Largas*, mencionado na secção 1.3.1, ocorre no século XX, refletindo a imagem da mãe de então. Naquele tempo, muitas famílias chinesas, como a de *Shàngguān Lǚshì*, tinham dificuldade em gerar um filho homem e, por causa das restrições financeiras, tinham que abandonar ou matar o bebé do sexo feminino para prolongarem a hipótese de dar à luz novamente. Na década de setenta do século XX, o governo chinês implementou a política do filho único, dificultando ainda mais esse objetivo. Isto resultou em abortos frequentes e num desequilíbrio populacional grave. Neste contexto, surgiam slogans pintados nos muros das aldeias com frases como “filho e filha são iguais, filha também é descendente”¹¹²; “se não nascerem filhas, não terá esposa”¹¹³, etc., fenómeno invulgar não registado em Portugal.

Embora a mãe, chinesa ou portuguesa, fosse conquistando voz ativa, continuou a defender o sistema patriarcal. Só em caso de morte do pai a autoridade maternal ascendia à supremacia familiar, como aconteceu com *Jiaomu*, personagem abordada na secção 1.3.1. O direito de falar, a consciência e a identidade da mulher eram rejeitados pela sociedade; o sexo feminino permanecia em “afasia”, ausente e vítima da cultura social de então. Embora a mãe conquistasse o direito de falar na família, ela permanecia subordinada à autoridade do pai.

Na China chama-se a mãe ao loesse e ao rio Amarelo. Portugal é rasgado por grandes rios, como o Guadiana, o Tejo ou o Douro, mas nenhum é chamado de mãe pois, embora a terra e a água sejam consideradas como a fonte da vida pelos portugueses, este conceito não é tão forte como na China. O loesse e o rio Amarelo abundam como tema na literatura chinesa, o que não acontece nas obras portuguesas. As diferenças culturais e históricas decidiram o pensamento coletivo das duas nações.

3.2 REFLEXÕES

A comparação multiangular e intercultural realizada até aqui aponta para uma aparente submissão e inferioridade feminina na sociedade patriarcal, ao mesmo tempo

¹¹² TDA: 生男生女都一样, 女儿也是传后人 (*Shēngnán shēngnǚ dōu yīyàng, nǚ'ér yěshì chuánhòurén*).

¹¹³ TDA: 不生女孩就没媳妇 (*Bù shēng nǚhái jiù méi xífù*).

que o estatuto da mãe era elevado pelo povo. As culturas dos dois países elogiam muito a maternidade. A ética inculcada na mulher durante longos anos, nomeadamente as *três obediências e quatro virtudes* confucionistas e as virtudes da mãe de Jesus, tornou-se um critério avaliador da mulher. A maioria das mulheres passou do ser natural para o ser moral, sob o escrutínio de tais critérios. Com o passar do tempo, num quadro de critérios morais, a mulher abandona a sua natureza como mulher para entrar no papel da mãe.

A cultura dos dois países tem influenciado impercetivelmente a mulher ao longo da história. As exigências impostas à mulher, pouco a pouco, foram interiorizadas para a sua própria orientação. Portanto, a honra da mãe e humildade da mulher, em certo sentido, são efeitos dessa interiorização. O homem dá-lhe algum poder para defender o patriarcado, porém ela engana-se julgando que o poder é o seu. A mãe, sobretudo a mãe chinesa, desempenha conscientemente o papel de executora fiel da ética da sociedade masculina após a “cirurgia de desnaturação”.

No século XXI, registou-se uma emancipação sem precedentes, conducente a uma crescente igualdade de género. Todavia, a opinião tradicional de que o homem é superior à mulher permanece de forma subliminar nos dois países, mormente no pensamento dos chineses. Uns anos ou décadas não são suficientes para eliminar este preconceito. De facto, ainda não existe um método eficaz para resolver esta problemática, resta aos países continuarem a divulgar a ideia da igualdade sexual, implementando políticas nesse sentido.

A nosso ver, podem tomar-se diferentes medidas conforme os valores e as visões da vida das mulheres, já que existem dois tipos de mulheres, a mulher de carreira e a dona de casa.

No que diz respeito à primeira, o governo deve encorajá-la a sair do lar, a receber educação superior, a melhorar os seus conhecimentos e as suas qualificações profissionais de forma a ultrapassarem os homens da mesma área. Se este tipo de mulheres se dedicar completamente à família e aos filhos será um desperdício dos recursos, sendo também desvantajoso para o desenvolvimento social.

No que se refere à dona de casa, o governo e a sociedade de ambos os países devem encorajá-las a ficarem em casa, seguindo um instinto maternal inato e ancestral. Uma parte das mulheres prefere tomar conta de família, ou seja, esta pode ser a alternativa certa para certas mulheres passivas. Contudo, este tipo da mulher enfrenta um grande problema por não ter fonte de rendimento pessoal, tendo que depender do marido. Os governos podem pensar em atribuir uma pensão à mãe a tempo inteiro, garantindo-lhes alguma independência financeira e mesmo sustento, em caso de divórcio.

O outro problema que acontece frequentemente à mãe a tempo inteiro é o amor mórbido. Ela dedica todos os seus esforços nos filhos, o que pode conduzir a um apego extremo e a considerar os filhos como sua propriedade, como aconteceu a *Jiaomu*, resultando em conflitos familiares. Quando surgem problemas na relação conjugal, estas mães escolhem manter o casamento em vez de se divorciarem, para os filhos viverem numa família completa ou por embaraço social, colocando demasiadas expectativas nos descendentes. É necessário que os governos e as sociedades divulguem a visão certa do casamento.

CONCLUSÃO

No presente trabalho procurámos expor e analisar as imagens da mãe chinesa e portuguesa sob uma perspetiva intercultural, afastando a visão sociológica tradicional. Os elementos multiculturais dos dois países servem de ponto de partida, através dos quais se pode refletir a evolução da imagem da mãe, em vez de se estudar apenas a sua representação num período limitado.

No primeiro capítulo utilizaram-se os caracteres tradicionais chineses, enquanto fósseis vivos, para analisar a imagem da mãe chinesa. A diferença dos pictogramas de mulher (女) e de mãe (母) sublinhou a função da amamentação materna como símbolo da mãe nos tempos antigos. Comparando-os com o carácter tradicional de pai (父), raciocinamos que o pai tinha autoridade suprema na família, por causa da sua força física que era muito útil naquele tempo, e a mãe era a servidora.

De seguida, abordou-se o mito chinês que reflete diretamente os pensamentos do ser humano primitivo, uma vez que as imagens de deuses mitológicos são idealizações do desejo popular. *Nü Wa*, a mãe no coração do povo chinês e deusa da criação, é o indício mais convincente para estudar a imagem da mãe durante o período primitivo. Os mitos contam que *Nü Wa* criou o povo, reparou o céu e inventou um instrumento musical, o que é revelador do culto à procriação, altruísmo materno e imprescindibilidade da mãe na educação.

Abordou-se ainda as filosofias-religiões confucionista, budista e taoista, com destaque para o confucionismo que orientou a conduta do povo chinês na sociedade feudal, durante mais de dois milénios. O confucionismo como produção do patriarcado desvalorizou a mulher; a ética definida na ideia do “ritual” empurrava a mulher para a margem da sociedade; restringindo a moralidade feminina e, ao mesmo tempo, valorizando a mãe que tinha filhos do sexo masculino. A piedade filial confucionista elevou a honra da mãe com descendência masculina, em especial caso o pai se ausentasse, quando passava a ser a porta-voz familiar. As suas palavras e comportamentos protegiam os interesses do homem, desta forma, este atribuía-lhe naturalmente parte da autoridade. Apesar da sua origem estrangeira, o budismo tornou-se a religião com mais seguidores na China, por se adaptar à cultura chinesa, absorvendo e herdando os conceitos de glória masculina e humildade feminina, o que

resultou na especificidade do budismo chinês. A sua atitude perante a mãe é igual à do confucionismo: submissão feminina e glória materna. O taoísmo, a religião chinesa local, não define nem menciona o estatuto da mãe, todavia julgamos que os estatutos do pai e da mãe são iguais e as suas relações complementares, de acordo com a igualdade universal do pensamento taoista.

A referência à mãe *Nü Wa* está muito associada, na cabeça chinesa, ao rio Amarelo e ao loesse. O rio Amarelo, como a mãe, alimentou as gerações chinesas com o seu “leite” e testemunhou o nascimento e desenvolvimento da civilização chinesa. O loesse é a raiz do agricultor, da esperança e da saudade do filho errante pela sua terra natal e pela sua mãe. Desde os tempos antigos que o rio Amarelo e o loesse são fontes de inspiração do poeta e do escritor, sinónimos da mãe e da pátria, da alma e da raiz no coração da nação chinesa.

No segundo capítulo apresentou-se a imagem da mãe portuguesa. Embora Portugal não tenha a sua própria mitologia primitiva, tem sido profundamente influenciado pela cultura europeia, nomeadamente pelo mito grego da deusa Gaia, cujo étimo motivou uma série de léxico relacionado com a maternidade na língua portuguesa. O Ocidente definiu Gaia como mãe-terra e deusa-mãe, capaz de gerar vida sozinha, o que reflete o culto da procriação. Para proteger os seus filhos, lutou contra o marido, arriscando a sua vida, traçando uma narrativa em que a mãe é a guardiã da sua prole, disposta a sacrificar a sua própria vida para garantir a segurança dos filhos. A passagem de governante do universo a subordinada do homem mostra claramente a queda feminina na sociedade patriarcal. Porém, o estatuto materno da mitologia estabeleceu uma fundação cultural sólida para o culto da maternidade. Embora os mitos depois se tenham alterado, com a ascensão patriarcal, não desapareceu a admiração pela personalidade e pelo espírito maternal; no coração humano, a mãe é a personalidade mais sagrada e sublime. O culto da mãe provém de um desejo edipiano e é o “cordão umbilical” que liga a cultura atual e à antiga. A sua essência é o sentido de pertença da humanidade.

A mais importante religião em Portugal é, sem dúvida, o catolicismo, que serve de bússola para os comportamentos portugueses. A definição católica da mulher,

a partir das personagens bíblicas Eva e Maria, permite refletir sobre o seu estatuto no país: uma representa a mulher, a outra representa a mãe. Eva foi criada a partir de uma costela de Adão, por isso é-lhe inferior. Depois violou a norma de Deus, ou seja, violou a autoridade do homem, sendo apontada como causadora do pecado original. Daí em diante, o sexo feminino foi considerado sinónimo de degeneração e cobiça. Portanto, obediência é a mais importante virtude na ética católica, como prova o exemplo de Maria. Ela obedeceu a Deus e foi abençoada com uma conceição imaculada após o que se tornou Nossa Senhora, usufruindo do respeito generalizado. Desde sempre que o catolicismo divulga a figura da mãe associada à paixão, perdão, tolerância e obediência. Evidentemente, o catolicismo também insiste na humildade feminina e na glória materna.

A galinha tem uma conotação rica na cultura portuguesa. A análise dos provérbios sobre o tema liga a galinha à mulher e a mãe-galinha à mãe. No que se refere à primeira, associa-se algumas características comuns da galinha com as palavras-chave: mulher-galinha-cacarejo-estupidez. A discriminação entre galo e galinha implicadas nos provérbios sublinha a superioridade masculina e a humildade feminina, ao passo que existe uma conotação positiva em relação à mãe-galinha, por exemplo, saber escutar e proteger os pintos. A arte primitiva encontrada em cavernas constitui também um importante meio para estudar a imagem da mãe. Da análise do chifre conclui-se que a mãe representava a fertilidade, que o sangue do parto era sagrado, que os antepassados veneravam a mãe e a sua capacidade de gerar vida.

Na última secção do segundo capítulo, analisou-se a imagem da mãe nos manuais portugueses desde a década de trinta até à década de noventa do século XX. No seu papel de esposa, a mulher/mãe tinha uma posição fraca no contexto familiar, sendo-lhe associadas características como a ternura, a proteção e a generosidade. Destacou-se, por fim, o seu tratamento desigual ao filho (carinhoso) e à filha (rigoroso).

No terceiro capítulo faz-se uma comparação transversal das imagens da mãe chinesa e portuguesa. A maioria dos caracteres chineses com a raiz mulher (女) tem

um significado depreciativo que manifesta a negação moral da mulher, enquanto o carácter mãe (母) se afasta de qualquer conotação depreciativa. Na língua portuguesa, o termo mãe está relacionado com a *alma mater* e a língua materna. Isto mostra que os portugueses valorizam a criação e a educação materna, revelando que o papel da mãe é insubstituível. Os conceitos de humildade feminina e glória materna estão perfeitamente vinculados nas culturas chinesa e portuguesa, desde que se entrou na sociedade patriarcal. Todavia, na China este contraste é mais intenso do que em Portugal, e a importância atribuída ao filho homem também é mais forte. No final, deixa-se algumas sugestões de como é que as sociedades devem tratar a mãe, para aproveitar todo o seu potencial.

BIBLIOGRAFIA

1. AN, Lirong. 安丽荣 (2009). «说文解字»女部字的文化意蕴 «Shuōwén jiězì» nǚbùzì de wénhuà yìyùn, *Implicações Culturais dos Caracteres com Raiz de Mulher na Obra Explicação Etimológica dos Caracteres*. 沧桑杂志社, Taiyuan, Editora de Revista de Cangsang.
2. CASAGRANDE, Carla (1993). “A mulher sob custódia”, em *História das Mulheres*, Lisboa, Círculo de Leitores.
3. CHEN, Jianxian. 陈建宪 (1995). 神祇与英雄: 中国古代神话的母题 *Shén qí yǔ yīngxióng: Zhōngguó gǔdài shénhuà de mǔtí, Deuses e Heróis: Motivo Mitológico Antigo Chinês*. 生活·读书·新知三联书店, Beijing, SDX Joint Publishing Company.
4. CHEN, Xiaoyun. 陈晓芸 (2000). 焦母的病态人格——《孔雀东南飞》焦母形象剖析 *Jiāomǔ de bìngtài réngé——«kǒngquè dōngnán fēi» jiāomǔ xíngxiàng pōuxī, A Personalidade Mórbida de Jiaomu - A Análise da Imagem de Jiaomu da obra O Pavão Voa ao Sudeste*. 漳州师范学院学报 (哲学社会科学版), Zhangzhou, Journal of Zhangzhou Normal University (Social Science Edition), No. 1, pp. 22-24.
5. CHEN, Yuwei. 陈玉伟 (2014). 重构《圣经》中的女性形象——人类智慧的勇敢追求着——夏娃 *Chónggòu «Shèngjīng» zhōng de nǚxìng xíngxiàng - rénlèi zhìhuì de yǒnggǎn zhuīqiúzhè - xiàwá, Reconstrução da Imagem Feminina da Bíblia Sagrada – A Buscadora Corajosa da Sabedoria Humana – Eva*. 四川外国语大学成都学院社科学论, Chengdu, Teoria da Ciência Social do Instituto de Chengdu da Universidade de Estudos Internacionais de Sichuan.
6. COSTA, A. et al., tradutor (1981). *Bíblia Sagrada*. Difusora Bíblica, Lisboa.
7. DUAN, Youwen. 段友文 (1998). 观音信仰成因论 *Guānyīn xìnyǎng chéngyīn lùn, A Génese da Crença a Guan Yin*. 山西师大学报, Shanxi, Journal of Shanxi Normal University(Social Siences Edition), No. 2, pp. 18-22.
8. DUAN, Yucai, 段玉裁 (1981). 说文解字注 *Shuōwén jiězì zhù, Anotação em Explicação Etimológica dos Caracteres*. 上海古籍出版社, Shanghai, Shanghai Chinese Classics Publishing House.

9. DUAN, Yucai, 段玉裁(2007). *说文解字注 Shuōwén jiězì zhù, Anotação em Explicação Etimológica dos Caracteres*. 凤凰出版社, Jiangsu Phoenix House.Ltd.
10. GAO, Hua & HUANG, Chao. 高华, 黄超(1995). *从印度古代文化看早期汉译佛经中妇女观和禁欲观的变异 Cóng yìndù gǔdài wénhuà kàn zǎoqī hàn yì fójīng zhōng fùnǚguān hé jìnyùguān de biànyì, Segundo a cultura tradicional da Índia, conhecer as mudanças da opinião da mulher e da abstinência na versão inicial da sutra chinesa*. 史学月刊, Kaifeng, Journal of Historical Science, N.º 2, pp. 103-108.
11. GOU, Xinhua. 侯新华(2003). *«说文解字» “女”部字所反映的古代文化 «Shuōwén jiězì» nǚbùzì suǒ fǎnyìng de gǔdài wénhuà, A Cultura Antigo Refletiva Por Raiz de Mulher na Obra Explicação Etimológica dos Caracteres*. 石家庄学院学报, Shijiazhuang, Journal of Shijiazhuang University, Vol. 5, N.º 5.
12. GUIMARÃES, Ana Paula (2001). “A Outra Face de Maria Campona”, em *Faces de Eva*, N.º 6, Lisboa, Edições Colibri/Universidade de Nova de Lisboa, pp. 41-63.
13. HE, Zhang. 贺璋(2006). *《易传》的性别形而上学探略 «Yìzhuan» de xìngbié xíng'érshàngxué tànlüè, A Análise do Sexo da obra I Ching na Visão de Metafísica*. 华南师范大学学报, Guangzhou, Journal of South China Normal University (Social Sciences Edition), N.º 6, pp. 22-27.
14. LI, Leyi. 李乐毅(1996). *汉字演变五百例 Hànzì yǎnbiàn wǔbǎi lì, 500 Exemplos na Evolução da Escrita*. 北京语言言学院出版社, Beijing, Editora do Instituto de Estudos de Língua de Beijing.
15. LU, Ting. 芦婷 (2015). *先唐文学中的女娲形象及其文学史意义 Xiān táng wénxué zhōng de nǚwā xíngxiàng jí qí wénxué shǐ yìyì, Research on Nvwa image and significance in literary history before the Tang Dynasty in literary works*. 西北师范大学, Lanzhou, Universidade Normal Noroeste.
16. MA, Chuanchuan. 马川川(2012). *黄河作为中华民族的母亲河原因探析 Huánghé zuòwéi zhōnghuá mínzú de mǔqī hé yuányīn tànxi, Pesquisas das*

- Razões que o Rio Amarelo é Considerado Como o Rio Mãe.* 群文天地, Xining, Qunwen Tiandi, N.º 22, p. 90.
17. MACHADO, José Pedro (1996), *O Grande Livro dos Provérbios*. Lisboa, Editorial Notícias.
18. MENG, Dehong. 孟德宏 (2012). *Gaia (盖亚)与女娲——漫议中、英文里的“大地母神”* Gaia(gài yǎ) yǔ nǚwā——màn yì zhōng, yīngwén lǐ de “dàdì mǔshén”, Gaia e Nvwa, O Discurso Informal de “A Deusa-mãe da Terra” na Língua Inglesa. 英语沙龙, Beijing, *English Salon*, N.º 5, pp. 56-57.
19. MOREIA, Ana Maria Mendes (2004). “A Mulher entre o Divino e a Criação”, em *Faces de Eva*, N.º 12, Lisboa, Edições Colibri/ Universidade de Nova de Lisboa.
20. MOTA-RIBEIRO, Silvana. (2000). *Ser Eva e Dever Ser Maria: Paradigmas do Feminino no Cristianismo*. Comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia, realizado na Universidade de Coimbra de 17-19 de Abril, Braga, CECS, UMinho.
21. PARENTE, Salvador (2005), *O Livro dos Provérbios*, Lisboa, Ancora.
22. PEDROSO, Consiglieri (1984), *Tradições Populares Portuguesas*. Lisboa, Imprensa Nacional.
23. PENG, Hua. 彭华 (2008). *佛教与儒家在女性观上的相互影响与融合* Fójiào yǔ rújiā zài nǚxìng guān shàng de xiānghù yǐngxiǎng yǔ rónghé, *A Interação do Budismo e Confucionismo no Feminismo*. 哲学动态, Beijing, *Philosophical Trends*, N.º 9, pp. 69-73.
24. SILVESTRE, Maria João (2005). “Todos Diferentes, Todas Iguais”, em *Faces de Eva*, Lisboa, N.º 13, Edições Colibri/ Universidade de Nova de Lisboa.
25. TAVARES, António Augusto *et al.*, tradutor (1993). *Bíblia Sagrada*, Lisboa, Difusora Bíblica.
26. TSEËLON, Efrat (1995). *The Masque of Femininity*. London, Sage.
27. WANG, Chunfei. 王纯菲 (2012). *特殊的“他者”：中国文学母亲形象的文化意蕴* Tèshū de “tā zhě”: Zhōngguó wénxué mǔqīn xíngxiàng de wénhuà yìyùn, “Alteridade” Especial: Implicação Cultural da Imagem da Mãe na *Literatura Chinesa*. 辽宁大学学报 (哲学社会科学版), Shenyang,

- Journal of Liaoning University (Philosophy and Social Sciences)*, Vol. 40, N.º 1, pp. 128-133.
28. WANG, Xingwen. 王兴文 (2015). 论宁夏黄河文化的内涵及其符号表达 *Lùn níngxia huánghé wénhuà de nèihán jí qí fúhào biāodá*, *Explicação das implicações e das expressões dos símbolos da cultura do Rio Amarelo*. 西夏研究, 银川, Yinchuan, Editora Tangut Research, N.º 2, pp. 99-103.
29. WEI, Hui. 魏慧 (2010). 女性品德修养研究—从《周易》之不易女德分析 *Nǚxìng pǐndé xiūyǎng yánjiū—cóng«Zhōuyì» zhī bùyì nǚdé fēnxī*, *O Estudo da Qualidade e da Educação do Ser Feminino- Análise da Imutação da Qualidade na Visão da Obra I Ching*. 徐州工程学院学报, Xuzhou, Journal of Xuzhou Institute of Technology (Social Sciences Edition), Vol. 25, N.º 3, pp. 88-92.
30. YANG, Jun. 杨俊 (2014). 儒家视野下的“女性之礼”—以《礼记》为例 *Rújiā shìyě xià de “nǚxìng zhī lǐ” —yǐ «Lǐ jì» wéi lì*, “O Ritual do Ser Feminino” na Visão do Confucionismo- Cita Como Obra Clássico dos Ritos. 太原大学教育学院学报, Taiyuan, *Journal of Education Institute of Taiyuan University*, Vol. 32. N.º 3, pp. 40-43.
31. YU, Yibing. 俞焱昺 (2015). *Aprendizagem da Cultura Chinesa e Aquisição de Caracteres*, ILCH, UMinho, Braga, dissertação de mestrado.
32. ZHANG, Guohua. 张国华 (2008). 女娲形象研究 *Nǚwā xíngxiàng yánjiū*, *Estudo da imagem de Nǚwā*. 山东师范大学, Jinan, Universidade Normal de Shandong.
33. ZHANG, Xiaoyan. 张小燕 (2008). 女娲神话的生命美学意蕴 *Nǚwā shénhuà de shēngmìng měixué yìyùn*, *The Bedeutsamkeit of Life Aesthetic of Nvwa Myth*. 山东大学, Jinan Universidade de Shandong.
34. ZHAO, Jianyu. 赵建宇 (2012). 众生之母夏娃之女性原型建构 *Zhòngshēng zhī mǔ xiàwá zhī nǚxìng yuánxíng jiàngòu*, *A Construção de Protótipo Feminino da Mãe de Todas as Criaturas Vivas – Eva*. 作家杂志, Beijing, *Writer Magazine*, N.º 14, pp. 71-72.
35. ZHU, Ziyang. 朱子彦 (2000). “观音变性与儒释文化的融合 *Lùn guānyīn biànxìng yǔ rú shì wénhuà de rónghé*”, “Explicação da Interação da Transformação do Sexo de Guan Yin e Cultura do Confucionismo e

Budismo”. 上海大学学报, Shanghai, *Journal of Shanghai University (Social Sciences Edition)*, Vol. 7. N.º 1, pp. 24-29.

Weblinks

1. A história de Gaia do mito grego

<http://www.zr520.com/yule/201704/165808.html>, consultado a 09/04/2017.

2. Contraste das imagens da mãe em obras chinesa e ocidental: *Peito Grande, Ancas Largas e The Secret Daughter*.

<http://www.lunwen365.com/qitaleibie/lunwenzhidao/fanli/495124.html>, consultado a 28/2/2017.

3. Da Deusa Mãe À Hipótese de Gaia

http://nova-acropole.pt/a_deusa_mae_hipotese_gaia.html, consultado a 09/04/2017.

4. Divina Mãe Kuan Yin

http://www.curaeascensao.com.br/chama_violeta/chama_violeta1.html, consultado a 06/02/2017.

5. Gaia, A Mãe Terra

http://cantinhodosdeuses.blogspot.pt/2011/04/deusa-gaia_23.html, consultado a 09/04/2017.

6. Igreja em Portugal/2015: Menos Católicos, mas percentagem superior

<http://www.papa2017.fatima.pt/pt/news/igreja-em-portugal2015-menos-catolicos-mas-percentagem-superior>, consultado a 20/05/2017.

7. “Inibição Sexual” excessiva Europeu na Idade Média: inibir atividades sexuais por si próprio para suprimir o desejo.

http://blog.sina.com.cn/s/blog_733bc8b30102w84r.html, consultado a 26/06/2017.

8. O mito de Gaia

<https://movimentoculturalgaia.wordpress.com/2009/09/09/o-mito-de-gaia/>, consultado a 09/04/2017.

ANEXOS

Anexo I - Dinastias da China

- Shang (商 *shāng*) 1500-1050 a.C.
- Zhou (周 *zhōu*) 1050-221 a.C.
 - a) Chun-Qiu (春秋 *chūnqiū*) 1050-770 a.C.
 - b) Zhan-guo (战国 *zhànguó*) 770-221 a.C.
- Qin (秦 *qín*) 221-206 a.C.
- Han (汉 *hàn*) 206 a.C.-220 d.C.
- San Guo (三国 *sānguó*) 220-265 d.C.
- Dinastias do Norte e do Sul (南北朝 *nánběi cháo*) 265-589 d.C.
- Sui (隋 *suí*) 589-618 d.C.
- Tang (唐 *táng*) 618-906 d.C.
- Cinco Dinastias (五代 *wǔdài*) 906-960 d.C.
- Song do Norte (北宋 *běisòng*) 960-1123 d.C.
- Song do Sul (南宋 *nánsòng*) 1123-1258 d.C.
- Yuan (元 *yuán*) 1258-1367 d.C.
- Ming (明 *míng*) 1367-1644 d.C.
- Qing (清 *qīng*) 1644-1911 d.C.

Anexo II - Quadro de Romanização Pinyin VS Alfabeto Fonético Internacional

RP: Romanização *Pinyin*

AFI: Alfabeto Fonético Internacional

RP	AFI	RP	AFI	RP	AFI
b	[b]	g	[k]	s	[s]
p	[bʰ]	k	[kʰ]	zh	[tʂ]
m	[m]	h	[x]	ch	[tʂʰ]
f	[fʰ]	j	[tɕ]	sh	[ʂ]
d	[t]	q	[tɕʰ]	r	[ʐ]
t	[tʰ]	x	[ç]	y	[j]
n	[n]	z	[ts]	w	[w]
l	[l]	c	[tsʰ]	v	[v]
a	[a]	e	[ɤ]	u	[u]
o	[o]	i	[i]	ü	[y]
ai	[ai]	ing	[iŋ]	uai	[uai]
ei	[ei]	ia	[ia]	ui (uei)	[uei]
ao	[au]	iao	[iau]	uan	[uan]
ou	[ou]	ian	[iaen]	uang	[uaŋ]
an	[an]	iang	[iaŋ]	un (uen)	[uən]
en	[ən]	ie	[iɛ]	ueng	[uəŋ]
in	[in]	iong	[yŋ]	üe	[yɛ]
ang	[aŋ]	iou	[iou]	üan	[yaen]
eng	[əŋ]	ua	[ua]	ün	[yn]

ong	[uŋ]	uo	[uo]	ng	[ŋ]
------------	-------------	-----------	-------------	-----------	------------